

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Artes e Comunicação Social - IACS
Graduação em Produção Cultural

A experiência multicultural e a produção coletiva de identidade - mapeamento e análise da
população de tripulantes a bordo de navios do tipo transatlântico.

Carolina Leitão Chinline

NITERÓI

2014

CAROLINA LEITÃO CHILINQUE

A experiência multicultural e a produção coletiva de identidade - mapeamento e análise da população de tripulantes a bordo de navios do tipo transatlântico.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel.

Orientador: Professor Doutor Ronaldo Lobão

Niterói

2014

CAROLINA LEITÃO CHILINQUE

A experiência multicultural e a produção coletiva de identidade - mapeamento e análise da população de tripulantes a bordo de navios do tipo transatlântico.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel.

Aprovada em abril de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ronaldo Lobão – Orientador
Universidade Federal Fluminense

Prof. Flávia Lages
Universidade Federal Fluminense

Ohana Boy Oliveira
Mestranda – Universidade Federal Fluminense

Niterói

2014

“Minha doce irmã,
Pensa na manhã
Em que iremos, numa viagem,
Amar a valer,
Amar e morrer
No país que é a tua imagem!
Os sóis orvalhados
Desses céus nublados
Para mim guardam o encanto
Misterioso e cruel
Desse olhar infiel
Brilhando através do pranto.
Lá, tudo é paz e rigor,
Luxo, beleza e langor.
Os móveis polidos,
Pelos tempos idos,
Decorariam o ambiente;
As mais raras flores
Misturando odores
A um âmbar fluido e envolvente,
Tetos inauditos,
Cristais infinitos,
Toda uma pompa oriental,
Tudo aí à alma
Falaria em calma
Seu doce idioma natal.”
(...)

Trecho inicial de “O convite à viagem”, de
Charles Baudelaire em “As flores do mal”

Agradeço à UFF por todos esses anos de apoio, paciência e compreensão;
ao meu orientador Ronaldo, por aceitar o desafio e contribuir para este trabalho;
aos meus pais Mauro e Graça, por tornarem possível meu ingresso na Universidade, por insistirem na minha permanência e por exigirem meu retorno;
à ajuda de meus professores, dos que tentavam ajudar e dos que ajudaram por acaso;
ao meu marido Gediminas, pelas intermináveis horas vagando pelo campus com meu filho no colo pra que eu pudesse amamentar nos intervalos e seguir com meus estudos;
ao meu filho Gabriel, por me dar forças para levantar da cama todos os dias e continuar lutando;
ao mundo, por ter se mostrado essa aventura eterna que não me cansa nunca;
aos meus colegas marítimos, pelas incontáveis horas de alegrias e tristezas compartilhadas.

Este trabalho é para vocês.

Folha de Aprovação	3
Agradecimentos	4
Resumo	8
Introdução	9
1- Embasamento conceitual	13
1.1 Cultura	13
1.2 Multiculturalismo	15
1.3 Interculturalismo	16
1.4 Comunidade, Sociedade e Grupo	18
1.5 Lugar	19
1.6 Democracia Cultural	20
1.7 Identidade	22
1.8 Rede	23
2- Análise das comunidades envolvidas	25
2.1 Comunidades Globalizadas e a Pós-Modernidade	30
2.2 O Produtor Cultural	32
2.3 Mapeamento sócio-cultural do navio	35

3- O Navio e uma análise dos espaços de convívio	37
3.1 Restaurante	38
3.2 Área inundada	39
3.3 Cabine de uso compartilhado	40
3.4 Cabine individual	41
3.5 Bares	42
3.6 Teatro	43
3.7 On-shore	43
3.8 Área de trânsito comum a tripulantes e passageiros	44
Considerações finais	46
Glossário e vocabulário estrangeiro	51
Anexos	53
Anexo I	54
Tradução do anexo I	55
Anexo II	57
Referências bibliográficas	65

Bibliografia complementar sugerida	66
Referência bibliográfica digital	67
Vídeo de referência	67

Resumo

O caso aqui mostrado em forma de monografia representa um breve relato sobre a minha experiência profissional a bordo de navios do tipo transatlântico intercambiando passageiros entre países e continentes com o uso de tripulação culturalmente diferenciada que, a despeito dessa diversidade, convive e interage de forma respeitosa e harmônica, sendo responsável pela construção de uma ambiência cultural nova na qual está inserida. Através da bibliografia de referência selecionada a partir dos autores estudados durante a minha graduação e de pesquisa bibliográfica posterior, bem como da análise do resultado do encontro destes tripulantes, proponho uma reflexão sobre o papel do Produtor Cultural em grupos culturalmente diversos e sobre como este pode aplicar suas experiências no seu trabalho de campo, enquanto agente dotado de um grande potencial transformador de realidades. Proponho a problematização e revisão do olhar deste profissional e um debate em torno de sua postura enquanto proponente, deixando de lado o olhar que compreende, é ativo e muitas vezes vertical, para fazer uso de um olhar mais co-participativo, respeitando as contribuições individuais de cada uma das partes envolvidas nesta rede.

Palavras-chave: multiculturalismo, produção coletiva, comunidade, produtor cultural, identidade, espaço.

Introdução

Em 2009 iniciei uma jornada pelo mundo trabalhando a bordo de navios de passageiros do tipo transatlântico. Foram mais de quarenta nações visitadas em menos de quatro anos e um sem número de visitas a comunidades que nem sempre aparecem nos livros tradicionais de história. Culinária típica, os tipos de vestimenta para cada ocasião, as nem tão tradicionais formas de relacionamento local, a arte, a arquitetura, seus costumes e tradições, uma infinidade de dados novos que fui assimilando e registrando fotograficamente dia após dia. A cada espaço conhecido, uma nova história contada, um novo encantamento e a vontade crescente de conhecer outros lugares.

Assim, mais que desfrutar de locais pitorescos e belos, mais que sentir a excitação das descobertas naquelas intermináveis horas de conversa com os nativos, foi notável e fundamental o convívio com o diferente. Descobri-me diferente dos que me cercavam, em muitos sentidos. A abundância de elementos culturais a bordo de um transatlântico, tal como o conhecemos hoje, certamente diverge - e muito! - da realidade vivida em pela tripulação original do S.S. Savannah¹.

Como todo tripulante, fui forçada a viver com pessoas que nunca havia visto antes, dormir no quarto com alguém que não falava a minha língua e comer ao lado de pessoas que não faziam uso de talheres. Um mundo inteiro de descobertas: dentro e fora do navio. Descoberta do outro, mas também uma descoberta de mim mesma. Taylor² levantou a possibilidade, que há muitos anos vinha sendo largamente discutida dentro da psicologia, de nossa identidade ser formada parcialmente pela identidade daqueles que nos circundam e daqueles a quem amamos. Assim sendo, todas aquelas pessoas são, em alguma medida, responsáveis por quem sou agora.

Enquanto embarcada, uma coisa sempre chamou muita atenção: as pessoas dentro daquele espaço quase confinado são diferentes em tudo que se possa apontar: vivem de forma diferente, comem de forma diferente, se relacionam de forma diferente, dançam e cantam de forma

¹ Em 1819, o primeiro navio a vapor a fazer o que hoje é considerado cruzeiro transatlântico, o norte-americano o S.S. Savannah cruzou o Atlântico proveniente da cidade norte-americana homônima. Zarpou em 22 de maio de 1819 e aportou em Liverpool, na Inglaterra, 29 dias depois. Além da inovação tecnológica acoplada ao veleiro (motor e pás laterais), contava com luxuosa decoração e cabines duplas.

² Charles Taylor descende, por parte de mãe, das comunidades agrícolas francesas originais de onde hoje é o território canadense. Os francófonos no Canadá hoje somam o número impressionante de sete milhões de indivíduos que mantêm vivas algumas tradições características de seus ancestrais como a utilização do francês como primeira língua. A disputa pela cidadania “*Québécois*” vem sendo motivo de conflitos políticos internos no país desde a década de sessenta. Os franco-descendentes demandam leis que preservem sua cultura, impondo aos anglo-descendentes regras e condições características da cultura francesa.

diferente, mas não deixam de ser um grupo conciso e auto-mantenedor que é responsável por um bem cultural riquíssimo produzido de maneira coletiva, horizontal e independente. O encontro destas pessoas gera um ambiente de convívio múltiplo com política bem peculiar onde as regras vigentes são o encontro das regras últimas de cada um dos grupos formadores desta comunidade. Lembrando do conceito de George H. Mead, somos os *significant other*³ uns dos outros e assim, igualmente responsáveis pela criação desse novo tipo cultural: o tripulante.

No primeiro momento a bordo de um desses gigantes flutuantes, algumas instruções são passadas sem que haja muita escolha, as regras são claras e incontestáveis. A maior e mais forte delas é a regra dos espaços: o seu espaço termina no lugar e momento exatos em que começa o espaço do outro. E passamos um dia inteiro (dia primeiro do embarque: introdução a vida à bordo com palestras ao longo do dia) ouvindo uma dezena de pessoas em uniformes pomposos falar sobre esta mesma regra, de formas diferentes. Ao final das primeiras apresentações, todos parecemos ter em mente a mesma questão: qual a necessidade de repetir exaustivamente a mensagem que já foi tão claramente passada? Mas ao longo dos seis meses de embarque, conclui-se que as palestras eram, enfim, insuficientes.

Viver em meio ao diferente que muitas vezes representa um conflito pessoal nosso é sempre muito difícil, e o reconhecimento devido e respeitoso das particularidades do outro é uma necessidade, conforme Taylor já deixou claro no mesmo trabalho. Segundo esse autor, o não reconhecimento ou o reconhecimento indevido dos indivíduos e grupos pode gerar o aprisionamento destes a uma ideia errônea de que são inferiores ou menos importantes, o que não é nem nunca foi o caso.

O espaço a que nos referimos neste trabalho não é o espaço de um armário, ou o espaço à mesa, trata-se do espaço no sentido exato proposto por Augé⁴: espaço enquanto lugar praticado. Não me limitarei ao espaço físico ocupado, mas a ocupação simbólica do mesmo e da re-significação deste pelos seus ocupantes. Há uma única regra para manter em paz um ambiente que comporta até doze mil pessoas de sessenta e duas nacionalidades sem possibilidade de terra firme ou desembarque por até seis dias ininterruptos.

³ Significant Other, George H. Mead, onde se entende que nossa verdade e essência não são definidas em isolamento, mas em contato com os nossos outros significativos.

⁴ Marc Augé cunhou, em 1995, o termo "não-lugar" para se referir a lugares de transitórios que não são significados, logo não podem ser definidos como "um lugar", por exemplo, um quarto de hotel, um aeroporto ou supermercado etc.

É verdade que todos ali tínhamos algo muito importante a perder caso não fosse de nosso desejo compartilhar desta verdade absoluta: o emprego. Mas porque razão em terra firme, sob a pena de sermos punidos da mesma forma ou de forma ainda mais severa, não havia a produção deste mesmo ambiente desenvolvido coletivamente? Por que mesmo sob a asa protetora/orientadora dos profissionais da área de cultura e com todo o aparelho cultural disponível nos dias de hoje ainda parecia ser tão difícil a produção deste saber coparticipativo?

Existe uma grande participação da empresa de navegação enquanto agente criadora do ambiente no qual se encontram as condições adequadas para a produção dessa coletividade. Mas é uma participação difícil de ser mensurada por conta do aparente afastamento da corporação do cotidiano dos funcionários e até o momento da concepção deste trabalho não pareceu ser definidora da discussão que se propôs levantar.

A antiga bandeira da falta de profissionais capacitados não pode mais ser levantada. Existem o curso superior em Produção Cultural, cursos de gestão em cultura, oficinas de formação de agente cultural e cursos de capacitação em produção e estímulo à cultura. As possibilidades de capacitação vêm se multiplicando por todo o país, oferecidos por entidades privadas, pelos dispositivos governamentais locais, pela União e por organismos não governamentais (ONGs).

Além da educação formal, existem ainda - e talvez sejam mais importantes para este trabalho - as formas menos tradicionais de capacitação. O convívio com o diferente neste caso ou a própria experiência no caso dos profissionais da área que são atuantes e se mantêm no mercado a muitos anos. Aprender com a prática para nós que lidamos com matéria tão sutil não deve ser menos valorado do que o aprendizado formal.

A formação do profissional de Produção Cultural é assunto em voga e Luiz Augusto Rodrigues⁵ já destrinchou o assunto de maneira exaustiva em artigo para a Pragmatizes⁶ ao mapear e avaliar os alunos do curso de Bacharel em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense dos primeiros anos da graduação. Leonardo Brant⁷ também escreve sobre formação e

⁵ Luiz Augusto Rodrigues é professor da Universidade Federal Fluminense, foi um dos grandes colaboradores na criação do curso de Produção Cultural na Universidade e seu trabalho se destaca pela constante análise dos processos de produção e gestão cultural, além da crítica constantemente revisitada dos profissionais da área.

⁶ Pragmatizes é uma revista virtual ligada à Universidade Federal Fluminense que aborda os temas de arte, cultura e tecnologia.

⁷ Leonardo Brant é formado em direito e sua vida acadêmica o liga a importantes publicações no ramo das ciências sociais aplicadas, do direito social e do direito público.

mercado do Produtor e ressalta a importância do profissional da cultura enquanto capaz de garantir que as políticas públicas “sejam realmente públicas, ou seja, formuladas pela sociedade, para a sociedade.” (BRANT, 2008)

Para que possamos repensar a forma como nos aproximamos de nossos objetos de pesquisa e trabalho, nos relacionamos e participamos da vida destes, pretendo expor toda a minha memória deste período, fazer uso de pesquisa envolvendo tripulantes e ex-tripulantes de navios deste tipo e de conceitos que foram trabalhados durante a minha graduação em Produção Cultural nesta Universidade.

Não vai haver conclusão fácil, mas considero imprescindível para profissionais como nós, dotados de tamanho potencial para desenvolver políticas culturais amplas e democráticas, entender a importância de reconhecer para participar, e não conhecer para intervir ou administrar. Havendo conclusão para estes questionamentos ou não, considero importante incentivar o debate e a reflexão sobre o tema. Penso que assim, vou estar dividindo um pouco das minhas próprias questões e gerando outras em meus colegas, incentivando a melhora de meu universo e dos que me cercam.

CAPÍTULO 1 – EMBASAMENTO CONCEITUAL

1.1 Cultura

O conceito de cultura significa, nos termos dos dicionários, cuidado ou cultivo, e seu uso foi disseminado associado à agricultura e pecuária comunitárias. Mas ao longo dos séculos, este conceito foi revisto diversas vezes, se tornou polissêmico e um de seus significados se aproxima mais e mais com o passar do tempo do que iremos considerar para este trabalho.

Foi no século XVIII, na Grécia hesterna, que Cultura teve seu significado atrelado ao conceito de civilização e às ideias de participação política e de vida civil. Cultura passou a medir o grau de civilização de uma sociedade e de seus membros. Foi a trajetória desta ideia que hoje nos faz associar Cultura à ideia de progresso, e ainda hoje esta avaliação toma por medida nossas próprias referências de evolução e desenvolvimento.

Chegado o século XIX, a cultura passou a ser medida segundo o padrão católico-caucasiano-europeu, avaliando-se a presença, ou não, de elementos como o Estado, o mercado e a escrita entre os grupos sociais. Nesse sentido, as sociedades passaram a ter ou não cultura. Passou a ser utilizado o termo “primitivo” para designar os grupos que não possuíam cultura, o que inculca no conceito um julgamento de valor. A partir deste momento, julgava-se serem melhores ou mais desenvolvidas as sociedades que apresentavam os elementos acima citados e piores ou mais atrasadas as sociedades que não apresentavam em grau nenhum ou que apresentem em grau insatisfatório os mesmos.

Ao final do século XX, as ciências humanas como a sociologia e a antropologia se aproximaram mais da discussão em torno do conceito. A Cultura foi vista como a expressão do singular e do diferente, passou a dizer do campo das políticas sociais e das formas simbólicas de um grupo. Correspondia ao valor que não se limitava ao campo do material e mensurável, eram as expressões de singularidade e constância que representavam um grupo e o faziam notável frente aos outros. A cultura, então, não era mais um julgamento de valor tendo como padrão um modelo de sociedade distante, a cultura passou a ser única e intrínseca em cada grupo. É com este conceito que iremos seguir adiante.

À luz do trabalho quase que didático de Laraia⁸, podemos estabelecer Cultura como o que diferencia a unidade biológica que todo homem é. É o produto da inserção do homem nos códigos de seu grupo através da educação. Em metáfora apresentada pelo autor ao citar Ruth Benedict⁹, cultura é uma lente pela qual cada homem vê o mesmo mundo, e como cada qual tem sua própria lente, cada homem vê o mundo por seu prisma único e pessoal. Ou podemos ainda citar Marilena Chauí¹⁰ que, dentro da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, através de menção ao decreto da então prefeita da cidade “considera(-se) atividade de natureza artística e cultural tudo o que deriva de atividade humana, como resultado de sua criação intelectual, sob todas as formas de expressão”. (CHAUÍ, 2006).

Da mesma autora, vem a proposta de definição que embasa esta monografia. Define-se, então cultura afastando-a do conceito limitado às belas artes e cultura letrada e considera-se que

“a cultura é tanto o processo de criação de símbolos, comportamentos, práticas, valores e ideias de uma sociedade, como o trabalho da inteligência e do pensamento na criação de obras de pensamento e o trabalho de sensibilidade e da imaginação na criação da obra de arte.”

(CHAUÍ, 2006)

A importância que a cultura tem para os homens, enquanto seres sociais¹¹ é imensa, a cultura é essencial à sua sobrevivência uma vez que, sendo dos animais o mais fraco, o homem faz uso das práticas e costumes que adquire ao ser inserido aos códigos de seu grupo para sobreviver, e somente por possuir tal mecanismo, foi capaz de dominar os outros animais. (Laraia, 1932) Alfred Kroeber¹² vai ainda mais longe ao afirmar que o homem se libertou da

⁸ Roque de Barros Laraia é um antropólogo brasileiro cujo trabalho se destaca, em princípio, pelos seus escritos sobre indígenas, mas aqui destacamos suas pesquisas sobre interculturalismo, sobretudo sobre discriminação.

⁹ Ruth Benedict foi a antropóloga americana que produziu um dos mais importantes trabalhos ainda hoje escritos sobre o relativismo cultural. Moral é, para ela, relativa.

¹⁰ Marilena Chauí foi Secretária Municipal de Cultura de São Paulo no primeiro governo do então presidente Lula e relata sua experiência em Cidadania Cultural - O direito à Cultura (Editora Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2006) e faz importantes reflexões no campo das políticas culturais e de grupos culturalmente diversificados.

¹¹ Jean Piaget em 1970 determina que a Psicologia Social deva estudar o patrimônio psicológico hereditário do homem e determinar quanto do que somos é mera influência do meio em que vivemos. Esta questão também é abordada por Laraia quando diz que o homem não tem seu comportamento biologicamente determinado.

¹² Alfred Kroeber foi um antropólogo americano cuja principal questão foi o entendimento da natureza da cultura e dos processos culturais.

natureza ao superar sua própria biologia, permitindo que seu processo evolutivo seja independente das funções orgânicas a que está limitado.

O homem somente é homem em razão das suas expressões culturais e, para os embarcados, estas expressões podem ser tão ricas quanto o produto do encontro de doze centenas de pessoas juntas, vindas de lugares diferentes e convivendo pelo período mínimo de cinco meses.

1.2 Multiculturalismo

Conceito associado a outros fenômenos contemporâneos como o pós-modernismo e o relativismo cultural, o multiculturalismo é aqui entendido como um conceito próximo ao pluralismo cultural. É a coexistência de diferentes identidades culturais dentro de uma diversidade étnica, sexual, política e social. Em geral, vai haver um grupo ou cultura dominante cujas leis são aceitas como regra, mas todo grupo incluído neste macro-organismo deve ter suas próprias leis respeitadas.

As políticas multiculturalistas que vem surgindo são uma resposta ao monoculturalismo vigente na maior parte das nações modernas, onde um único grupo é levado em conta quando do desenvolvimento de leis, metas e políticas culturais. Segundo Charles Taylor, é a não possibilidade de incluir o sujeito em uma categoria por sua unicidade. Para o autor, as políticas identitárias comuns ao grupo não podem ultrapassar a liberdade e os valores individuais (TAYLOR, 1994).

Marilena Chauí ressalta a dificuldade de propor políticas a grupos complexos e diversos respeitando as necessidades de cada micro realidade contida nestes em sua prestação de contas à Secretaria Municipal de Cultura da cidade de São Paulo. Segundo a filósofa, não é o caso de glorificar a cultura popular ou satanizar a cultura de elite, há de haver um meio termo (CHAUÍ 2006).

Em duas visões bem distintas, há um grupo de pensadores, intelectuais, historiadores, sociólogos e antropólogos que defende o convívio entre grupos distintos enquanto gerador de uma atmosfera rica e propícia ao surgimento de novas possibilidades, enquanto outro grupo

considera esta grande diversidade cultural uma ameaça aos valores e bens culturais de cada grupo separadamente ou da nação, se for este o caso.

Talvez, dentro dessa discussão, este trabalho seja uma forma válida de esclarecer a questão através de um exemplo prático, deixando claro que as duas possibilidades são válidas, e que o desenrolar das relações, as políticas adotadas formal ou informalmente e a salvaguarda dos bens culturais de cada grupo dependem exclusivamente das posturas adotadas individualmente.

No Brasil, corroborando a necessidade das posturas individuais tendendo para ações que beneficiem o grupo, o multiculturalismo é visto e vivenciado desde os tempos da colonização (a partir do século XVI) e é o grande responsável pelo mosaico cultural que é visto hoje na culinária, na moda, artes plásticas, arquitetura, música, literatura, costumes e até na língua e nos habitantes, fisiologicamente falando.

Gerador desta grande riqueza, o multiculturalismo no Brasil é também gerador de muitos preconceitos como é o caso da xenofobia que ocasionam conflitos de norte a sul do país, dentro e fora dos grandes centros urbanos. Em um debate que não tem fim, certo ou errado, os grupos brigam por direitos devidos, por deveres descumpridos e pelo reconhecimento que muitas vezes não vem de lugar algum: nem da sociedade civil, nem do Estado.

1.3 Interculturalismo

O termo diz respeito à interação entre os grupos culturais distintos que, coexistindo em um mesmo lugar e há um mesmo tempo, convivem e se tocam mutuamente. Tendo em vista favorecer o convívio e integração nestas relações baseadas no respeito pela diversidade e pelo enriquecimento mútuo, há a necessidade de ir além da tolerância: deve-se buscar o convívio pacífico e harmônico entre grupos e indivíduos. É preciso haver uma troca, um contato que, de forma horizontal e não destruidora, promova mudanças positivando e otimizando a relação.

A importância maior do surgimento do termo está na superação do relativismo cultural, onde grupos distintos têm seu encontro em pé de igualdade um com o outro. Para os defensores das políticas interculturalistas, todos são iguais unicamente no seu direito de ser diferente. Há que se promover atmosfera distinta que permita esse diálogo em pé de igualdade. É então reafirmada a necessidade de promover o diálogo nos ambientes formados por culturas plurais, como é o caso

do Brasil, e também do Canadá, da Austrália, dos Estados Unidos da América, entre outros países que oficialmente comportam grupos distintos¹³.

O diálogo entre os grupos distintos pode ser o grande fomentador do enriquecimento mútuo, possibilitando desenvolvimento de novos costumes e tecnologias. Mas esse diálogo deve ser horizontal e sinérgico. Embora seja esperado o surgimento de conflitos, uma vez que se coloca mais de um interesse em plenária, a horizontalidade da relação potencializa a possibilidade de diálogo entre as partes e do encontro de um lugar de interesse comum. Mais uma vez é importante lembrar a necessidade de reconhecimento dos indivíduos e das minorias enquanto formadores da sociedade com igual necessidade de representação e imprescindível reconhecimento das necessidades específicas que se apresentem. Tal qual no navio, dar a todos condições para que tenham voz e estejam devidamente representados nas políticas que serão adotadas.

A interculturalidade enquanto desafio lançado pela globalização e pelo mundo moderno é a possibilidade do fim do hermetismo sócio-político, de uma sociedade transnacional e do fim das supremacias culturais. E então chegamos à definição última de Chauí para cidadania, onde as ciências humanas trazem o singular e simbólico ao termo, tornando cada cidadão único e igualmente carente de representação dentro do macro grupo em que está inserido. Cabe aos grandes fomentadores destes encontros, e aqui coloco a categoria dos Produtores Culturais como seu maior agente potencial, conhecer a fundo os grupos envolvidos de modo a promover um encontro cujo potencial transformador seja enorme, superior ao potencial de cada grupo isoladamente, mas permitindo um diálogo respeitoso, onde o encontro seja um lugar de interesse para ambas as partes.

Renato Ortiz¹⁴, em seu livro *Cultura Brasileira e Identidade Nacional* prevê o surgimento de um mundo moderno, onde não haverá invasão de uma cultura pela outra, mas a formação de uma cultura única, mundial. As estruturas desta sociedade tais como transporte, saúde e educação

¹³ Nação, Pátria e País são muitas vezes tomados por sinônimos. Contudo, se verifica que tais vocábulos não se definem da mesma maneira. Nação sublinha os valores culturais comuns a uma população, uma comunidade de indivíduos que mesmo dispersos em áreas geográficas distintas, estão unidos por identidade (ex. mulçumanos). Pátria salienta uma realidade afetiva (ex. minha pátria é o Brasil, logo sigo as normas sociais brasileiras ainda que resida em Cuba). País refere-se normalmente a um território político (ex. Brasil, Cuba, etc). Neste contexto, alguns países têm seu território oficialmente habitado por mais de uma nação.

¹⁴ Renato Ortiz esquadrinha em seu livro o processo de criação da identidade nacional, ressaltando a riqueza cultural do brasileiro.

sofrieriam uma padronização e as políticas culturais também seriam comuns. Michel Maffesoli¹⁵ aponta, ainda, para a possibilidade de surgimento dos grupos a que chamou “neotribos” ou tribos urbanas, grupos unidos por uma afinidade ou experiência que têm como traço marcante a alta rotatividade de seus integrantes que teriam origens diversas e seriam pertencentes a grupos não-próximos, mas que compartilham um mesmo código social e estético.

1.4 Comunidade, Sociedade e Grupo

Com o objetivo de não me alongar muito nesta questão, para efeitos deste trabalho vamos considerar os conceitos apresentados por Marilena Chaui para comunidade e sociedade em “Cidadania Cultural - O direito à Cultura” onde a diferença essencial recai sobre o que mantém unidos os indivíduos. A comunidade é unida por uma relação com um bem comum, cujo valor é reconhecido por todos e os anseios individuais são superados pelo desejo do coletivo como um todo. A sociedade tem seus componentes unidos por um contrato social, tornando-os sócios. Neste caso, o desejo do indivíduo se sobrepõe ao desejo do coletivo.

Tentando fazer clara a distinção entre simples aglomerado de indivíduos e um grupo [Genealogia de grupo: *grop* (nó), originário do provençal e *kruppa* (redondo), originalmente germânico], vou considerar aglomerado um ajuntamento de pessoas em um mesmo local que compartilham interesses ou não, ao passo que um grupo está junto por seu interesse em comum.

Além disso, o autor avalia que um grupo gera uma entidade nova, com novas leis e mecanismos de funcionamento. Além de criar uma identidade de grupo, este mantém as identidades individuais, o que preserva a comunicação e permite interação grupo-indivíduos e indivíduos-grupo de maneira hierárquica, porém efetiva.

No caso dos navios, vamos considerar os tripulantes como um grupo, aceitando como possibilidade, também, que sejam uma sociedade composta por pequenas comunidades. Enquanto conceitos formados, não vamos considerar que um não transpasse o outro, mas que fique claro

¹⁵ Michel Maffesoli em *O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa* classifica as tribos urbanas como “diversas redes, grupos de afinidades e de interesse, laços de vizinhança que estruturam nossas megalópoles. Seja ele qual for, o que está em jogo é a *potência* contra o *poder*, mesmo que aquela não possa avançar senão mascarada para não ser esmagada por este”.

que, apesar de considerar os outros tripulantes parceiros de trabalho e uma parte importante dos processos que envolvem o adequado funcionamento da embarcação, cada tripulante individualmente tende a se agrupar e reunir com os seus semelhantes, ou com pessoas de interesses afins, ressaltando o nacionalismo ou certo grau de xenofobia.

As comunidades a bordo se reconhecem enquanto formadoras desta sociedade única a que todos servem. Conforme foi verificado pela análise dos questionários (Anexo I), a maior parte dos tripulantes se identifica como membro de um grupo conciso e único. Enquanto integrantes de um grupo, os conceitos de certo e errado que guiam cada indivíduo deixam de ser um mero cálculo de consequências pessoais baseado nos valores de cada microgrupo para incluir seu julgamento pessoal de moral e, acima deste, seu julgamento enquanto formador deste macro universo do qual faz parte, à sombra do verificado por Taylor nos grupos multiculturais observados pós século XVIII.

1.5 Lugar

É importante para este trabalho que se considere o lugar dentro do conceito específico proposto por Marc Augé em *Não-Lugar, Introdução à uma antropologia da supermodernidade*. Mais do que geometria desenvolvida com um propósito determinado, o lugar do navio é relativo ao observador e seus ocupantes, suas possibilidades de conceituação são perfeitamente opostas quando muda o olhar que inside sobre o mesmo. Enquanto para o passageiro o navio é um não-lugar, ou seja, um espaço público de circulação rápida que não diz nada de si ou o identifica, para o tripulante o navio é um lugar em toda sua possibilidade de ser. Nas palavras do Professor Luiz Augusto, interpretando o já citado trabalho de Augé:

“Lugar pode ser entendido como expressão da singularidade, com toda a carga identitária (...), afetiva e simbólica que este assume.

[...] Lugar é pausa e contato. É real e singular. Gera experiência. É espaço usado e vivido.”

(RODRIGUES, 2008.)

O navio pertence ao tripulante que é quem, em última instância, vai lhe atribuir significado, valor e função. O navio é seu espaço de trabalhar, se divertir, descansar e conviver. É no navio que estão todos os símbolos que representam este momento de sua vida: as medalhas, os uniformes, as cartas de navegação, os espaços confinados e reduzidos para convivência e coexistência, o centro médico, os bares e restaurantes. É o navio que o representa em cada uma destas formas e o tripulante, igualmente, representa o navio. Neste caso, a identidade tripulante-navio é compartilhada por todos que trabalham a bordo.¹⁶

Trazendo o conceito proposto por Augé para ainda mais perto do objetivo final deste trabalho -a problematização da postura do produtor cultural frente a seu objeto- ressalto a importância da significação do lugar por todos que o praticam em contrapartida à experiência do não-lugar, muito mais presente nos ambientes por que transitamos nos dias de hoje. A ressignificação dos lugares dentro das propostas de ação pelo profissional de cultura deve ser sempre uma intervenção de um sujeito múltiplo, que compartilhe uma mesma atmosfera, no mesmo tempo.

1.6 Democracia Cultural

O conceito de democracia cultural surgiu por volta de 1968 em resposta à larga utilização de políticas de democratização da cultura que visavam levar as camadas populares, cujo acesso ao capital cultural que lhe fora -em teoria- negado, aos museus, teatros, etc. A democratização da cultura não passava, então, de uma tentativa de fazer com que as camadas populares consumissem cultura branca-ocidental-católica-europeia, e se baseava na diminuição de valores de entrada e redistribuição dos espaços culturais.

Bourdieu¹⁷ aponta para a íntima relação entre os frequentadores de museus e sua origem sócio-econômica (bagagem cultural). Não é a possibilidade de acesso que leva as pessoas a consumir determinado bem cultural, e sim seu próprio capital cultural. Baseado nessas assertivas,

¹⁶ Se houver interesse na questão do lugar existindo relativo a seus habitantes e a sua função, sugiro a leitura de *Of Other Places*, de Michael Foucault (1994), onde o autor discorre sobre a criação de uma realidade cuja ordem reafirma sua própria inexistência em outro lugar.

¹⁷ Pierre Bourdieu, filósofo francês cujo trabalho deixa clara sua objeção ao liberalismo, escreveu sobre dominantes e dominados, sobre arte, educação e cultura. Em *O amor pela arte. Os museus de arte na Europa e seu público* (BOURDIEU, 2007).

ganha força a democracia cultural com seu reconhecimento das diferenças e da diversidade existentes, buscando entender que a cultura está na vida cotidiana e propondo a descentralização das ações como condição essencial para o desenvolvimento de políticas culturais amplas e irrestritas.

Essa descentralização promoveu maior diálogo entre os diferentes níveis de gestão, favorecendo o desenvolvimento das expressões culturais individuais, aproximando gestores e sociedade civil, razão pela qual o termo se faz essencial para este trabalho. Alice Pires Lacerda dissecou o tema em *Democratização da Cultura X Democracia Cultural: os Pontos de Cultura enquanto política cultural de formação de público* (LACERDA, 2012) enquanto avalia os Pontos de Cultura à partir do primeiro governo Lula e deixa claro o processo de evolução dos conceitos, nos trazendo até o presente momento em que a demanda por democracia cultural é debatida à exaustão nos mais diferentes níveis sócio-políticos. A autora ressalta que para haver uma real democratização da cultura nas sociedades contemporâneas, é preciso que seja real o acesso, fruição, produção e distribuição de cultura para todos os cidadãos, e que isso exige ação efetiva do Estado na elaboração de políticas culturais que compreendam e abarquem as esferas do simbólico, social e econômico.

Marilena Chauí (CHAUÍ, 2006) amplia o campo de ação do conceito de democracia cultural, determinando que o direito à cultura abarca produção de cultura por apropriação ou invenção; a participação na tomada de decisões que envolvam o fazer cultural; direito de usufruir de todo bem cultural com a criação de espaços e condições que permitam esse acesso; direito de estar informado sobre os serviços culturais e sua acessibilidade; direito a formação artística gratuita; direito a experimentação e direito ao debate e a crítica.

Enquanto discorrendo sobre a democracia cultural aplicada a cidade de São Paulo, a autora defende que:

“uma política de Cidadania Cultural (...) escapa das fronteiras impostas pelo conceito restrito da cultura identificada apenas com as belas-artes.”

(CHAUÍ, 2006)

E complementa citando o decreto de lei da então prefeita em que:

“considera-se que à cultura foi atribuído o caráter de direito acessível a todos os brasileiros; considerando-se que a cultura engloba todas as formas de expressão e manifestação cultural (...)”.

(CHAUÍ, 2006)

Está estabelecido o acesso e o direito ao conhecimento, criação e participação na tomada de decisões. O direito a cultura fica garantido pela democracia cultural, mas a aplicação desta carece ainda de aceitação por parte das comunidades habitantes do território em que as mesmas se aplicam. Neste momento começam a interferir os julgamentos de valor sobre os quais discorro mais a frente.

1.7 Identidade

Muitos autores trataram do tema sob seu ponto de vista particular baseados em suas experiências de vida e referências bibliográficas extensas, mas para este trabalho vou manter a definição proposta por Tomaz Tadeu da Silva (SILVA, 2007) e estabelecer a identidade como o que se é e o que não é.

Pode parecer irônico ou que este trabalho perdeu sua seriedade ou compromisso com uma reflexão de tamanha importância, mas deixando de lado todas as relativizações, a identidade do sujeito pode ser grosseiramente definida como o que identifica o ente perante os demais. Como exemplo, posso citar a identidade afirmando o sujeito enquanto “negro, homem, brasileiro e flamenguista”, ou me basear no que se nega na formulação da identidade do sujeito, à exemplo de “não sou branco, não sou argentino, ela não é carioca”, etc.

A importância do livro elaborado por Silva para esta monografia está na relação que o autor faz entre a identidade e a diferença. Enquanto o indivíduo se identifica afirmando suas verdades ao outro (sou homem, branco e cristão), ele se distancia do seu interlocutor à medida que estabelece neste as diferenças (ela não é carioca, mulata e flamenguista). Para o autor, “identidade e diferença são, pois, inseparáveis.” (SILVA, 2007, p. 75).

Estabelecer a própria identidade dentro da negação das outras identidades que representem signos e símbolos outros dentro de nosso conjunto de crenças tem grande importância para o tripulante que não compartilha as mesmas verdades culturais com mais de 20% dos colegas de profissão e, ainda assim, tem que se fazer reconhecer enquanto sujeito pelos demais embarcados.

Ainda mais essencial ao nosso objetivo aqui, é entender que além de serem intimamente relacionadas, identidade e diferença são produtos de criação linguística, ou seja, não são criaturas do mundo natural, mas criações do mundo cultural e social. E como o autor mesmo ressalva, a linguagem pode gerar entendimentos dúbios, uma vez que um conjunto de símbolos somente faz sentido dentro de seu contexto e contextos variam conforme as culturas. A linguagem é, pois, falha no que diz respeito a comunicar valores entre pessoas de universos culturais distintos.

Taylor mesmo defende que a nossa identidade, enquanto seres humanos, seja parcialmente moldada pelo reconhecimento ou pela ausência do mesmo pelos que nos cercam (TAYLOR, 1994). Neste contexto, o reconhecimento ou mau-reconhecimento (talvez melhor traduzido de seus escritos como reconhecimento inadequado) pode ser causador de grande mal, como uma forma de opressão que aprisiona o sujeito em uma imagem deturpada, irreal e reduzida de si mesmo.

1.8 Rede

A importância do entendimento do conceito de rede é fundamental para a total compreensão da ideia proposta neste trabalho e Juliana Figueiredo conceitua de maneira clara e concisa em sua monografia de conclusão de curso, ressaltando que

“o estudo das redes sociais é importante para compreender a sociedade e os movimentos sociais através das relações que são estabelecidas entre indivíduos, da interação e troca entre eles; e para avaliar o impacto dessa interação social em grupo no comportamento de uma pessoa, ou seja, como o grupo vai influenciar a conduta de um único indivíduo.”

(FIGUEIREDO, 2011)

A autora ainda aponta a importância de distinção entre uma rede e uma rede social. A primeira é de significado mais simples, corresponde à imagem a que a palavra remete: um emaranhado de linhas. A segunda mantém a estrutura física da primeira, relacionando não pontos, mas pessoas ou organizações. A rede é, aqui, o produto do encontro, não o somatório simplificado de cada ponto presente.

Isto posto, vamos seguir com o conceito de rede social e tentar estabelecer o grau de conectividade dos pontos presentes na rede formada pelos tripulantes que trabalham em navios de passageiros, qual a motivação desta conexão e se há necessidade de um conector, ou se a simples iminência de uma conexão enquanto verdade absoluta de um ponto é o suficiente para que dois pontos se unam.

CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DAS COMUNIDADES ENVOLVIDAS

Para entender o grupo que está sendo trabalhado, é preciso entender o que leva esta enorme quantidade de jovens a deixar as suas casas para se dedicar ao prazer e regozijo do outro em uma escala de trabalho que pode superar as quatorze horas diárias de esforço físico e mental. De acordo com a Organização Mundial de Turismo¹⁸, o turismo cultural - aquele cujo atrativo é alguma forma de produção humana como obras de arte, construções arquitetônicas, tradições culinárias, música, dança, etc - é o tipo de turismo que mais cresce no mundo. Não podemos excluir a tripulação dos navios desta verdade.

Turismo é um termo controverso, mas, em geral, considera-se turismo um deslocamento do local de residência do indivíduo que dure menos de um ano. A bordo, vale esta definição. A nenhum tripulante é permitido permanecer embarcado por um ano inteiro (doze meses) e intervalos de dois meses (sendo o período mínimo de quinze dias) devem acontecer entre um contrato e outro.

Cada um de nós tem um interesse pessoal em investir no aumento de nossa bagagem cultural e o navio proporciona isso a todos. Mas, nas palavras de Auge, “toda representação do indivíduo é, necessariamente, uma representação do vínculo social que lhe é consubstancial”, e não podemos perder de vista que cada um ali representa sua própria realidade e é motivado por motivos pessoais. (AUGÉ, 1995)

Em geral as empresas contam com tripulantes de trinta a sessenta e duas nações diferentes convivendo a bordo de uma mesma embarcação, ao mesmo tempo. Atraídos pela possibilidade de conhecer o mundo, jovens de diversos países se inscrevem para serviços na área de hotelaria (bar, restaurante, animação, recreação infantil, tradução, turismo, recepção), navegação, manutenção e dezenas de outras possibilidades de atuação disponíveis a bordo. As idades variam entre 18 e 30 anos para o primeiro embarque, mas há casos de pessoas que se mantiveram em suas companhias por mais tempo e hoje há tripulantes que passam dos cinquenta anos como marítimos e continuam embarcando.

¹⁸ Organização Mundial de Turismo é uma agência das Nações Unidas que funciona como um fórum global para questões de políticas turísticas e conta com 154 países. Sua origem remonta ao Congresso Internacional de Associações Oficiais de Tráfego Turístico, realizado em 1925 na Holanda.

Conhecer o mundo para estes jovens não é ir aos Parques Nacionais da Austrália, ao Sea World em Orlando ou tirar uma foto junto às Pirâmides no Egito. Conhecer o mundo, na visão de um tripulante, considerando que posso falar por eles em sendo parte do grupo, é conhecer as pessoas e o lugar onde vivem, é conhecer a culinária, a moda e os costumes locais. É estar junto e viver a experiência de ser e estar com o outro até que o navio se vá e outro porto se aproxime.

Não é sem motivo que ao longo de um contrato de seis meses junta-se uma média de 15-20 kg de bagagem extra somando-se trajes típicos, condimentos, *souvenirs*, artefatos de arte, entre outros objetos que serão levados para casa e farão parte de um acervo pessoal de itens que contam a história da humanidade como passamos então a conhecê-la: através da vivência e experimentação.

Algo entre as funções de um etnólogo e um antropólogo seduz ao ponto de fazer com que cada um de nós opte por não descansar após um dia inteiro de trabalho e nos unir aos outros em terra para desbravar mais um lugar inusitado e desconhecido e interagir com os locais até que eles se aproximem um pouco mais de nós e nós nos tornemos um pouco mais próximos deles. Talvez uma possibilidade de encontros cada vez mais pitorescos e enriquecedores, talvez a curiosidade incessante de um desbravador, fato é que esta busca pelo conhecimento e reconhecimento nunca tem fim.

Para a maior parte destes jovens, estar a bordo de um navio de passageiros é a possibilidade de viajar e conhecer o que somente poderia ser lido nos livros de história guardados em casa, mas para outros, é a possibilidade de ampliar limites, se libertar das limitações impostas pelas sociedades que deixaram para trás e viver a vida com maior liberdade. Não raro, encontramos tripulantes que já têm guardado dinheiro suficiente para se manter em casa, mas a possibilidade de viver dentro de suas próprias crenças e vontades (sexuais, de expressão e/ou culturais - não que um exclua o outro) os mantem embarcados.

“Para o romântico, a viagem é a metáfora da liberdade e conquista do espaço fora do domínio familiar privado e do próprio indivíduo como sua legítima extensão. Seu lema é: quanto mais longe, melhor. [...]

Fora do quadro habitual, a experiência da viagem permite fazer fremir o eu excitado pelos novos panoramas e os novos contatos.”

(FERRARA, 1996)

É o caso de Maria, uma Philipina que atualmente atua como assistente de gerência das lojas a bordo das embarcações da P&O United Kingdom. Com aproximados oito anos de embarques consecutivos, Maria já foi capaz de alocar todo seu pequeno núcleo familiar (mãe, duas irmãs com suas famílias, dois tios com suas famílias e avó) em confortáveis casas em uma pequena vila nas Philipinas cuja construção só foi possível por conta de seu trabalho. Trabalho este que não permite que ela esteja presente para aproveitar os prazeres da vida em família, apesar de poder se considerar uma cidadã abastada para os padrões Philipinos: com imóveis próprios e algum dinheiro guardado. Mas Maria não se vê voltando a viver em sua terra natal. Para ela, as limitações de uma região tão pobre associadas às crenças religiosas da sua família não lhe permitem “*ser quem ela realmente é*”.

Em um segundo grupo estão os tripulantes que contam com a renda de seu trabalho a bordo para manter suas famílias em casa. Para efeitos didáticos e para deixar claro o motivador dos membros que se encontram neste grupo, em geral, a unidade monetária Norte Americana equivale a cento e oitenta e nove unidades monetárias do Paquistão (desconsiderando as variações de mercado das moedas envolvidas). O que significa que um Paquistânês embarcado nas funções de menor remuneração é capaz de sustentar a família com facilidade e até com algum luxo quando está de volta em sua casa.

Tanalan é um bom exemplo representativo deste grupo. Garçom do restaurante principal do navio, tem uma função de prestígio a bordo e um dos salários mais altos para um não-oficial. Indiano de origem muito humilde deixou de lado a tenda mantida por sua família a gerações em uma feira livre próximo a sua residência e há quase vinte anos se afasta da mulher e filhos por até dez meses de cada vez para servir mesas dentro de padrões europeus com trajes americanizados em um regime de trabalho panamenho. Mas Tanalan não contem o sorriso ao enumerar à contagem de duas mãos as joias que já levou para sua esposa: uma por contrato.

Tanalan é responsável por manter sua família inteira, e a cotação dólar-rupee permite que todos vivam bem às custas de seu trabalho. De uma situação de miséria, hoje se considera um

afortunado e já domina o inglês com a mesma fluência que utiliza o hindi ou o francês que aprendeu estudando on-line, para ampliar ainda mais suas possibilidades de negócio a bordo.

O terceiro é o grupo dos prestadores de serviço (naval ou civil) que buscam evoluir em suas funções para retornar à terra melhor qualificados. Para estes, os navios oferecem a prática, a teoria e a possibilidade de acumular experiência de modo que, ao retornarem para suas funções em terra, retornam ocupando funções de maior importância e com salários mais elevados em suas áreas de atuação.

Chris é inglês e, nascido em boa família, teve oportunidade de cursar engenharia elétrica em uma das melhores faculdades da Inglaterra, mas o mercado de trabalho inglês estava muito retraído após sua formatura. Foi quando ouviu de um amigo sobre o trabalho a bordo. Embarcou a primeira vez como assistente de elétrica, com um pequeno salário e muitas horas de trabalho. Apenas três embarques após o primeiro, Chris é engenheiro elétrico sênior a bordo: somente trabalha se requisitado e tem um salário que lhe permite apreciar doses diárias de Louis XIII¹⁹, além de manter sua namorada a bordo por todo o contrato, como acompanhante, sem que ela precise trabalhar. Para seu próximo embarque, Chris espera estar capacitado para se candidatar a Segundo Oficial a bordo e se tornar o terceiro homem à frente da embarcação. Chris tem certeza de que quando voltar para casa, depois de fazer sólida e ascendente carreira a bordo, certamente estará à frente de seus concorrentes em qualquer disputa por vaga de trabalho.

As funções a bordo, em geral se dividem em:

- Oficiais: oficiais de marinha e pessoas ligadas à navegação da embarcação. Em geral são homens e mulheres que, em casa, prestaram serviço militar ou têm curso superior na sua área de atuação. Em sua maioria foram parte da força naval de suas nações de origem e já têm baixa do serviço militar. Sua remuneração mensal varia entre US\$ 8.000,00 e US\$ 50.000,00 (entre oito mil e cinquenta mil dólares americanos);
- Staff: oficiais de meia-patente responsáveis pelas atividades que não se relacionam a navegação. Responsáveis pela qualidade do relacionamento com os passageiros são gerentes, recreadores, lojistas, recepcionistas, etc. Em geral são jovens com formação superior e pleno domínio da língua Inglesa, além de uma terceira língua. Seus salários

¹⁹ Louis XIII é um conhaque da Remy Martin produzido com critérios tais que tornam seu valor de mercado tão alto quanto US\$ 34.000,00 por uma garrafa de 750 ml.

variam entre U\$ 1.500,00 e U\$ 8.000,00 (entre mil e quinhentos e oito mil dólares americanos);

- Crew: tripulantes das funções de hotelaria. São as pessoas diretamente ligadas á prestação de serviços. São baristas, garçons, governantas, pessoal de limpeza e manutenção de áreas habitadas e operação de maquinário pesado. Como todos os outros tripulantes, têm que falar Inglês mínimo para comunicação a bordo, mas a exigência é menor. Tem a menor remuneração a bordo e seus salários podem ser tão baixos quanto U\$ 300,00 (trezentos dólares americanos) ao mês, mas podem chegar a U\$ 1.200,00 (mil e duzentos dólares americanos) mensais acrescidos de gorjetas, dependendo da função.

Nas palavras de Janaina, ex-tripulante que reside hoje em São Paulo e mantém um blog onde orienta novos tripulantes no princípio de sua jornada além de compartilhar suas próprias experiências,

“Ser tripulante é...

... ser descobridor dos 7 mares, não ter endereço fixo. Acordar todos os dias em um lugar diferente e sentir todos os sentimentos aflorados. É ter mais tempo para refletir sobre você mesmo, se conhecer melhor, acordar com sono por causa do drill e conhecer muitas culturas!! Aprender um pouco com cada uma delas e ficar sem noção de tempo e espaço! haha.. (eu morava no "submundo" abaixo da linha d'água, sem janela). É se virar nos 30, se virar no minúsculo espaço dividido com muitos colegas, enfim... ...se virar. É não ter tempo, trabalhar muito, pagar, trabalhar muito e ir a muitas festas e no dia seguinte acordar muito cedo para trabalhar.. hehe É chorar ao ver seu amigo partir porque vai entrar de férias e ficar feliz com os que voltaram de férias, é deliciar cada mínimo prazer da vida que no cotidiano em terra não damos valor, como um simples

cafézinhoter prazer em navegar... em ver o mais lindo pôr do sol... nascer do sol... se perder na linha do horizonte e se orgulhar de ter uma experiência única. Você sente saudades lá dentro de quem esta fora.. sente saudades aqui em terra de quem ficou lá dentro. rs É ser reclamação as vezes... reclamar, reclamar e "vorta". rs É ficar doido toda vez que fecham as water tight doors, correr feito louco depois no final de tudo dar rizada.... É sentir saudades do general cleaning. haha (não é para tanto!!).”

2.1 Comunidades globalizadas e a Pós-Modernidade

A Pós-Modernidade é compreendida como o período imediatamente posterior à Alta Modernidade do princípio do século XX que por sua vez precede a Modernidade cuja maior contribuição para o tema aqui em questão foi o surgimento da imprensa. A partir deste momento a comunicação entre universos culturais distintos e distantes fica mais fácil e rápida, permitindo um melhor intercâmbio.

O fim desse período apresenta a substituição do observador primário pelo observador auto-reflexivo que não só observa o mundo, mas que se vê enquanto observador do mundo que o cerca. A auto inserção do homem em seu universo teórico é importante para os próximos momentos históricos que se verificam ao redor do globo, tendo como base a Europa-Occidental-Católica cuja história é, por razões óbvias, melhor documentada.

O observador, ele mesmo, deixa de ser a fonte primária de informação e uma série de outras possibilidades de acesso a uma mesma informação leva o homem a uma busca incessante pelo novo. Pela nova informação, pelo novo acontecimento, pela nova tecnologia, pelo novo costume. Nunca antes na história da humanidade foi verificada tamanha necessidade, por parte do homem, de viver em contato constante e intenso com outros grupos.

Hoje, para a maior parte da população mundial, é impossível se pensar viver um dia inteiro sem que se atualize os *softwares* da casa, se busque ferramenta mais moderna para aquele mesmo trabalho de sempre ou que se perca alguns minutos tentando captar o quanto for possível

das notícias do resto do globo. O advento da internet potencializou ainda mais essa possibilidade de transpor as barreiras físicas do mundo contemporâneo, e agora qualquer lugar ou pessoa está a um clique. Não há mais limites para o conhecimento, não há dificuldade de acesso à informação, ninguém está fora de alcance e manter um segredo se tornou tarefa árdua.

O mundo sem barreiras da Pós-Modernidade já não conta o tempo de maneira linear, com o presente depois do passado e antes do futuro, a temporalidade está desfeita e tudo passa a acontecer de maneira simultânea. Os indivíduos também são tocados pela urgência do mundo moderno e, segundo Stuart Hall²⁰, as identidades nacionais, em função da homogeneização cultural, podem tanto ser reforçadas pela resistência à globalização quanto podem se perder, dando lugar às identidades híbridas. Aplicado suas ideias às políticas liberais a que recorrem a maior parte das nações contemporâneas, Gutmann²¹ defende que existam dois tipos de liberalismo: no primeiro caso o governo não defende qualquer interesse particular, direcionando seu esforço à garantia dos direitos e liberdades gerais; no segundo, o Estado continua a garantir direitos, mas interfere nas liberdades de modo a garantir a sobrevivência de todos os grupos.

As barreiras identitárias a bordo são claras, é possível identificar a nacionalidade de qualquer tripulante sem que este nem mesmo fale ou coloque qualquer vestimenta mais característica, mas enquanto comunidade, a tripulação apresenta características particulares e bem menos pronunciadas. Todos se resguardam enquanto cidadãos de suas nações de origem, mas contribuem para o surgimento do que vou chamar cidadão-tripulante, e participam ativamente do estabelecimento das características e condições de convívio em torno do mesmo.

Este cidadão novo, de uma nova nação flutuante, não está sujeito ao dia a dia dos cidadãos de terra firme. Não são entediados pela monotonia da vida uniformizada, imutável e sem atrativos. Não sofrem com o empobrecido contato humano-humano dos grandes centros e não se limitam a rotina casa-trabalho-casa, até porque os dois estão no mesmo lugar. Mais do que a urgência de informação e ação, este sujeito é atormentado pela urgência da convivência, da interação, do conhecimento. Este cidadão embarcado vive no limite dos moldes do pós-modernismo.

²⁰ Stuart Hall é um grande sociólogo jamaicano cujas publicações na área de teorias da cultura atestam sua crença de que a cultura é uma área crítica de atuação, gerindo as relações de poder que se estabelecem e se perdem. Para mais, ler *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, 1997.

²¹ Amy Gutmann é professora de política em Princeton e suas áreas de interesse incluem política, educação, moral e ética. Artigo completo no livro *Multiculturalism*, de organização da autora onde reúne uma coletânea de textos sobre o assunto, em crítica ao texto *Politics of recognition*, de Taylor.

2.2 O Produtor Cultural

Por ter sido tão recentemente reconhecida enquanto ofício, a função do Produtor Cultural ainda conta com pouca literatura disponível de autoria dos profissionais formados na área e é, ainda hoje, muito debatida dentro e fora do universo acadêmico. Mas uma coisa é ponto definido: o Produtor Cultural não é aquele profissional que espera acontecer, ele é aquele que estuda, observa, lê, toma as rédeas da situação e decide o que pode ser feito. É ele quem vai dar um passo a frente do resto das pessoas e promover ações em favor do outro. Qualquer outro. A forma como estas ações se dão que pretendo problematizar com este trabalho.

Seja por meio do desenvolvimento de políticas culturais, uma proposta de oficina, um grande encontro de artistas regionais, um *show*, um congresso, uma exposição ou por uma feira de intercâmbio, é o Produtor quem vai observar, pensar, determinar as partes envolvidas e delegar; é quem vai ser diretamente tocado pelo trabalho desenvolvido; é quem lucra e quem perde. É certo que somos preparados para organizar, administrar e gerir atividades de motivação cultural, mas não é somente isso.

Do primeiro ao terceiro setor (governo, mercado e prestação de serviços), o Produtor Cultural consciente deve estar envolvido em tudo que diz respeito à aparelhagem cultural e tecnológica (não que as duas sejam dissociáveis) disponível e acessível no momento. Deve estar presente e ativo para a elaboração de políticas culturais, tanto no que diz respeito à preservação quanto às políticas de otimização do campo de pesquisa e ação e as políticas de mercado. Deve estar constantemente em campo, para que nunca perca de vista que o nosso campo de trabalho é vasto e diverso e que as ações por nós propostas são, potencialmente, transformadoras das realidades nas quais estamos nos inserindo.

Eu proponho aqui, tendo em vista os objetivos deste trabalho, que se pense a diferença entre “Gestor” e “Produtor”. Gestores, sim, mas para além da administração, somos nós os profissionais dotados de meios para não só observar e organizar, mas para fazer crescer, promover interação e debate, fomentar o direito à diferença e estimular a comunicação horizontal entre os indivíduos. Somos nós os profissionais que podemos traçar linhas relacionando grupos isolados e permitir aos mesmos entendimento e crescimento mútuos.

O encontro de grupos diversos deve ser baseado no reconhecimento mútuo não somente dos valores de cada grupo, mas no reconhecimento da existência de cada um desses grupos

dentro de seus valores próprios. Taylor discorre largamente sobre o tema e ressalta a importância do reconhecimento horizontal entre indivíduos mesmo que a este reconhecimento se aplique certo julgamento de valor (TAYLOR, 1994). O autor defende, inclusive, que a nossa identidade enquanto seres humanos seja, parcialmente, moldada pelo reconhecimento ou pela ausência do mesmo pelos que nos cercam. Neste contexto, o reconhecimento ou mau-reconhecimento (talvez melhor traduzido como reconhecimento inadequado) pode ser causador de grande mal, como uma forma de opressão que aprisiona o sujeito em uma imagem deturpada, irreal e reduzida de si mesmo.

Enquanto profissionais que participam de maneira ativa destes encontros, devemos estar sobremaneira atentos à postura que iremos tomar frente aos desafios de nosso universo profissional. São valores e crenças que não nos pertencem, mas que estarão em nossas mãos quando da formulação de ações e diretrizes, e não é esperado menos do que uma postura neutra até onde esta seja possível.

Sidnei Cruz também discorre sobre a ação do Produtor Cultural quando escreve que

“a programação cultural neutra não existe. Programar é sempre um processo de escolha. Ao programar reforça-se uma situação dominante, repetindo e mantendo uma hegemonia na oferta de bens culturais ou, ao contrário, está se sinalizando a necessidade de abrir espaço para a diversidade e para a heterogeneidade. A programação cultural deve ser sempre o resultado de um processo de perguntas sobre a realidade na qual ela pretende interferir, e isso pressupõe entender que ela estará sempre buscando equilibrar ou corrigir os mecanismos que manipulam e privilegiam a disseminação de determinados conteúdos ou conhecimentos com vistas à padronização do gosto do público.”

(Sidnei Cruz, 2009)

A existência desta visão intervencionista deve ser mantida em mente, para que possamos fugir do lugar comum de produtores que não se consideram parte da população com a qual estão

trabalhando e para que sejamos pioneiros e vanguardistas neste novo momento da cultura nacional. Um momento ainda desconhecido, mas que vai ser imensamente tocado pela comunicação, pela informação, pela interação e pelo reconhecimento.

Chauí mais uma vez ilumina com o conteúdo de sua análise do primeiro governo petista na cultura de São Paulo e escreve que, no desenvolver das políticas de cidadania cultural de sua gestão, tendo em vista a já mencionada definição de cultura, recusa três concepções de política para cultura outrora utilizadas: a de cultura como produto da ação exclusiva do Estado; a populista que vê a cultura dentro de um limitado papel pedagógico e a neoliberal, que deita toda a administração cultural na iniciativa privada.

Da experiência a bordo posso propor que, do encontro de todas as três visões, possa surgir um produtor cultural completo. Mas não só disso, de um sujeito que reconhece e aceita a diferença e que se aproxima do outro a ponto de se deixar tocar. Somos profissionais dedicados ao universo do simbólico, do “produto cultural que cria tramas fictícias mais duradouras do que as urgidas pela frágil realidade”, e espera-se de todos nós que sejamos capazes de compreender as sutilezas que permeiam nosso dia-a-dia. (FERRARA, 1999).

A bordo, as pessoas não são apenas esponjas do produto deste encontro fantástico de tantas verdades, são também, “produtoras de cultura, no sentido antropológico da palavra: são, por exemplo, sujeitos, agentes, autores da sua própria memória” e são absolutamente competentes em sua posição de produtores, promovendo...

“cultura que não se reduz ao supérfluo, ao entretenimento, aos padrões de mercado, à oficialidade doutrinária (...), mas se realiza como direito de todos os cidadãos, direito a partir do qual a divisão social das classes ou a luta de classes possa manifestar-se e ser trabalhada, porque no exercício do direito à cultura, os cidadãos, como sujeitos, sociais e políticos, se diferenciam, entram em conflito, comunicam e trocam suas experiências, recusam formas de cultura, criam outras e movem todo o processo cultural.”

(CHAUÍ, 2006)

2.3 Mapeamento sócio-cultural do navio

Um pouco mais a diante avaliarei os espaços físicos de interação social de dentro dos navios de acordo com sua relevância para este trabalho e tentarei introduzir, uma a uma, as regras de convivência implícitas nestes encontros que são necessárias para evitar potenciais conflitos. Para que fique claro como os tripulantes entendemos, nós mesmos, que se dão as relações humanas dentro das embarcações, conversei com tripulantes e ex-tripulantes sobre as suas experiências a bordo e sobre como foi passar pela experiência de convívio com essas outras identidades.

Através de entrevista aberta e da aplicação de um questionário com questões simples de respostas abertas e fechadas, foi proposta uma reflexão em torno da realidade que viveram a bordo das embarcações e das relações que estabeleceram com outros tripulantes de mesma origem e de origens distintas.

O formulário foi criado de forma a ajudar a estabelecer consensos a bordo independente da realidade individual de cada um. Assim, tentei entender se todos identificavam-se enquanto cidadãos do navio. Qual a motivação de cada sujeito para estar trabalhando a bordo, como se dão suas relações pessoais com outros indivíduos e como é sua experiência como membro desta comunidade tão única quanto atípica, as entrevistas abertas foram a melhor forma de diálogo/pesquisa.

Eu sei que gera grande curiosidade o convívio dos mulçumanos com os outros grupos a bordo, especialmente quando se pensa em todos esses grupos confinados a um mesmo espaço, mas não pretendo limitar minha análise à realidade destes. Eles estão presentes a bordo, mantem suas práticas religiosas tal como em casa e ficam distantes de grupos que mantêm comportamento inapropriado dentro do seu conjunto de crenças. Eu mesma busquei conversar com os poucos que se permitem dialogar com mulheres, mas não foram muito abertos a falar sobre seu grupo religioso dentro do contexto do encontro deste com outros diferentes.

Para os sujeitos aos quais não é garantido o direito de interagir com mulheres, encontrei um mediador para a entrevista e aplicação do questionário. Apenas um homem aceitou conversar e não quis responder ao questionário, entretanto, não vou considerar o que foi levantado nestes encontros válido para este trabalho visto que não há encontro ou convívio destes homens com nenhuma outra realidade a bordo. Eles talvez sejam a única realidade imutável a bordo.

Os religiosos extremistas são a única realidade que poderia, de algum modo, ser considerada imutável dentro do navio, mas ainda com todos os limites e com toda a distância, me arrisco a afirmar que estes homens também se deixam permear pelo produto do convívio com outros homens embarcados. Não são abertos a conversa com todo e qualquer homem, mas a todos os homens que não agridem suas crenças oferecem a possibilidade de interação e aprendizado.

Reafirmo que podemos encontrar embarcações com até sessenta e duas nacionalidades diferentes representadas na tripulação, mas nesta pesquisa foram consultados indivíduos de doze nacionalidades. Foram elas: brasileiros, argentinos, chilenos, mexicanos, norte-americanos, canadenses, jamaicanos, sul-africanos, indianos, filipinos, ingleses e franceses.

Nesta enorme variedade de consensos, observei católicos liberais, protestantes, rastafáris, cristãos ortodoxos, ateus, judeus e muçulmanos. Entre todas as cores de pele e cobertura, percebi que a maior dificuldade de interação é determinada pela religião. Alguns dos tripulantes que, voluntariamente, concederam entrevista aberta mencionaram a dificuldade de se relacionar com outros indivíduos que não compartilham os dogmas religiosos, ou que não respeitam suas crenças. Algumas das vezes, as crenças a bordo vão umas de encontro às outras, e nestes casos, todos afirmaram deixar a diferença de lado e se afastar.

Nenhum indivíduo fez análise negativa do período em que esteve embarcado do ponto de vista do seu próprio enriquecimento cultural, e todos afirmaram ser grande motivador de embarques múltiplos o rico convívio a bordo. Também foi unânime o reconhecimento de alguma segregação física dentro dos espaços de interação em qualquer nível que seja. Cerca de 65% dos questionários informa um conterrâneo como melhor amigo a bordo (73 de 112 fichas), o que também parece apontar para um forte relacionamento inter-nacional, criando vínculos que ultrapassem a língua e credo.

CAPÍTULO 3 – O NAVIO E UMA ANÁLISE DOS ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA

É imperativo que se compreenda a forma como se dá a convivência entre os tripulantes a bordo e para tal é essencial conhecer os espaços onde esta convivência acontece e as regras que se aplicam a cada um desses espaços. A maior parte destas regras não é imposta pela companhia e parte exclusivamente do bom senso dos tripulantes em geral.

Faço minhas, mais uma vez as palavras de Caio Gonçalves Dias para esclarecer a riqueza cultural destes ambientes, quando o mesmo escreve que...

“(...) é necessário que se compreenda o trânsito dos indivíduos entre os diversos universos discursivos que se interpenetram, sobrepõem, excluem. Desse modo, a construção cultural da realidade não vem de uma fonte única; ao contrário, precisa se pensar na interação de diversas tradições culturais – de origens diversificadas e nem sempre determináveis – que colaboram na formação desta realidade.”

(DIAS, 2011)

Como em qualquer atmosfera de convívio entre grupos de crenças distintas, sempre vai haver um número de indivíduos que nega as regras sociais e vive dentro de suas próprias normas ou princípios, mas a bordo deste tipo de navio este grupo é bem reduzido, quando não é ausente. Isto posto, não é relevante para nós o uso específico que foi pensado para cada lugar apresentado,

“interessa (-nos) aqui discutir a noção de apropriação dos espaços públicos vendo-os como lugares potenciais de práticas culturais e de sociabilidade. O estar junto desinteressado e as condições físicas propícias a isso norteiam a noção de apropriação dos espaços, sobretudo os públicos e coletivos.

(...)” Busco “...apontar para a identificação dos principais marcos afetivos e analisar as formas de uso e apropriação de espaços coletivos potenciais às práticas culturais e à dinâmica social (...)” do navio.

“Entendem-se essas práticas como elementos de desenvolvimento humano amplo, ou seja, produção de identidade cultural, desenvolvimento de relações sociais inclusivas (...)”

(RODRIGUES, 2008.)

De alguma forma, cada um desses espaços é importante para viabilizar o encontro das identidades de cada indivíduo embarcado, além das identidades coletivas de cada grupo. Mais do que isso, pode ser pela ocupação de cada um desses espaços e pela sua apropriação que este intercâmbio é possível.

3.1 Restaurante

A culinária é a área em que são observadas as maiores diferenças entre os tripulantes. As dietas são muito distintas e, muitas vezes, não têm um único item em comum. Somente dentro do grupo dos Indianos, há três tipos distintos de alimentação, e um não pode prover determinados itens ao o outro. Para alguns destes grupos a alimentação está ligada diretamente à religião e comer uma dieta diferente da que é permitida seria pecado gravíssimo, até mesmo mortal.

Buscando conciliar estas diferenças e, em alguns casos, permitir a permanência de certos grupos a bordo, os tripulantes contam com cerca de três bufês diferentes a bordo: oriental, ocidental e vegetariano. E as opções nestes são bastante variadas entre massas, carnes, frutos do mar, *curries* e saladas. Além disso, há ainda a possibilidade de comer em um dos restaurantes destinados aos passageiros, opção que está disponível somente para os tripulantes de ordem *Staff* ou *Officers*.

No restaurante é possível perceber alguma segregação física que nem ao menos parece ser intencional, uma vez que eventualmente os indivíduos sentam-se para sua refeição à mesa com

pessoas de outros grupos gastronômicos, por assim dizer. Penso que seja a proximidade do serviço que mais apetece que motiva a dinâmica dos tripulantes dentro do restaurante. Quem tem preferência pelas massas deve sentar-se mais próximo das mesmas, e quem tem preferência pelas carnes há de sentar perto da grelha. E a dinâmica dos assentos é parecida, não faz sentido sentar-se ao lado do serviço de frutos do mar se sua refeição é, necessariamente, vegetariana e você terá que atravessar grande parte do salão para se servir de mais uma porção.

Ainda em meio a tanta diversidade e diferenças demasiado gritantes, há um clima de perfeita harmonia dentro dos restaurantes. Todos fazem suas refeições sem precisar estar em estado de alerta ou com medo de ser recriminado por comer somente *curry* ou sem o uso de talheres.

Embora seja comum para algumas sociedades manter silêncio durante as refeições, os refeitórios costumam ser bem barulhentos uma vez que para outros grupos, o momento da refeição é também um momento de bênção, devendo ser comemorado. Além do uso de diferentes línguas ao mesmo tempo, para algumas culturas é na hora da refeição que as pessoas confraternizam e homenageiam seus deuses através do barulho das falas trepadas, inclusive. Enquanto para uns é um momento de introspecção, para outros é um momento de festa.

3.2 Área inundada

Observar a relação entre os tripulantes nas áreas de piscina e recreação como bares, parques e restaurantes “molhados” é muito importante para a compreensão do tema. As questões religiosas envolvendo grupos mais reservados que nos chamam tanta atenção nos dias de hoje povoando os jornais e internet com notícias constantes de conflitos sangrentos e sem solução, sempre me fizeram questionar sobre como seria frequentar um desses espaços a bordo.

Fato é que todos os indivíduos que se propuseram a trabalhar a bordo estavam cientes da existência desses espaços e, ainda assim, subiram a rampa de embarque e assinaram sua admissão. Não é raro ver algum mulçumano²² transitando por estas áreas, uma vez que os grupos oriundos do Oriente Médio e região são não-raro usados como pessoal de manutenção, mas o

²² Os grupos religiosos que seguem os preceitos do Alcorão variam no trato aos indivíduos do sexo feminino, mas a exposição e adoração do corpo da mulher são sempre abolidas. Uma mulher não deve se exibir da mesma maneira que o homem não deve adorar a imagem de seu corpo e é comum aos homens mais ligados a grupos extremistas que seguem o Islã olhar para a parede e cobrir o rosto com as mãos ao passar por uma mulher.

comportamento deles é exemplar e respeitador das outras realidades, sendo inspirador das nossas relações enquanto seres humanos.

Não houve, ao longo dos quatro anos em que vivi a bordo, um único incidente envolvendo questões religiosas. É esperado que eles passem, afinal, estamos todos trabalhando, e eles passam, indo e vindo com suas maletas de ferramentas sem desviar os olhos do chão. Unicamente focados em suas tarefas, passam por centenas de jovens mulheres expondo seu corpo com trajes de banho mínimos, algumas vezes sem o bustiê, e sorvendo copos e mais copos de bebidas enquanto se banham. É o respeito ao direito do outro de ser diferente levado ao extremo. A bordo, as opções e dogmas religiosos de um não podem afetar o outro, e todos respeitamos isso.

3.3 Cabine de uso compartilhado

Esta é provavelmente a área onde a convivência se torna mais intensa e difícil. Os encontros são aleatórios e o convívio com o outro é imposto sem recurso. Diferenças mínimas observadas de navio para navio à parte, em geral são espaços de não mais de seis metros quadrados com o banheiro de uso comum aos moradores incluído nesta metragem. Variando de função para função, pode haver de um a seis tripulantes morando em um ambiente destas proporções, mas em geral são dois. À exceção dos tripulantes casados que tem seus cônjuges a bordo, ninguém pode escolher com quem ou com quantos vai dividir sua cabine.

Em um jogo de azar cujas chances são muito ruins para os dois lados, a probabilidade maior é de que todos irão passar entre seis e oito meses morando com um total desconhecido que tem hábitos sexuais, de higiene e de vida distintos dos seus. Não raro estas relações tem que ser mediadas por uma terceira pessoa a pedido das partes envolvidas para que regras de convivência sejam estabelecidas. Não se trata aqui de um superior no trabalho ou de um chefe religioso, mas de um outro tripulante que seja reconhecido como aliado pelas duas ou mais partes.

Não se trata apenas de dividir o ambiente com alguém que pode se banhar uma vez ao mês ou que passe a noite bebendo refrigerante e falando com os pais que estão do outro lado do mundo via *Skype* enquanto mastiga veementemente um pacote de babatas super crocantes, trata-se de passar entre cinco e quatorze horas trabalhando sem descanso e não ter qualquer liberdade

de escolher quem vai estar esperando por você quando do seu retorno, ou como você vai poder relaxar e se entreter na única coisa que você poderá chamar de casa por meses.

Ser levado a conviver com as diferenças no ambiente de trabalho parece ser uma tarefa muito mais simples quando se pensa que por qualquer desavença podemos virar as costas e sair. Mas se o problema dentro de um navio convive sob o mesmo teto, compartilha o mesmo banheiro e usa a mesma geladeira, fica ainda mais difícil resistir às longas horas de trabalho a que somos submetidos. A solução do problema pode exigir ainda mais trabalho. E todos trabalhamos para que esta convivência seja harmoniosa. É neste ambiente restrito que nos aproximamos mais intimamente das culturas a bordo representadas.

Além de todas as desavenças, as histórias são narradas com grande excitação por todos. Não existiu ainda um tripulante que não pudesse lembrar um fato curioso ou um episódio inusitado envolvendo seu companheiro de cabine. Aprende-se sobre os hábitos, sobre a música, sobre as estruturas familiares, tudo nos poucos minutos em que um entra no banheiro para escovar os dentes e fazer sua higiene noturna enquanto outro espera sentado na cama de baixo (independentemente de quem durma nesta, ela se torna o sofá da cabine para uso de todos, residentes e visitantes) pela sua vez de fazer uso do metro quadrado mais frequentado da cabine.

Comumente estas relações são felizes e o encontro dos tripulantes descarrilha uma relação de amizade que pode se manter por anos, mesmo com toda a distância e diferença. É neste espaço restrito, de recursos limitados e delimitado por anteparas que acontecem as confraternizações não oficiais de bordo, como comemorações de aniversário, jogatinas que atravessam a madrugada, campeonatos de jogos eletrônicos, reuniões religiosas e aulas de línguas estrangeiras.

3.4 Cabine individual

Aos tripulantes dotados de mais de meia patente, é garantido o direito a uma cabine individual. Esta pode ser consideravelmente maior do que a média das cabines dos outros tripulantes e chegar a trinta metros quadrados no caso de um capitão, além de contar com serviço de quarto e camareira. Como não vamos considera-la um espaço de convivência, não vamos nos prender muito às cabines individuais. São raros os encontros e confraternizações nestas e os presentes representam um grupo muito exclusivo, específico e limitado. Nos corredores onde

estas cabines se encontram há regras oficialmente impostas muito mais firmes com relação ao barulho, o que não permite melhor aproveitamento destes espaços por grupos em que o relacionamento entre gerentes e empregados garante encontros pós-expediente.

3.5 Bares

Este pode ser considerado o ambiente de maior interação tripulante-tripulante e tripulante-passageiro. Dos que trabalham durante o dia aos que atendem a turnos noturnos, todos devem comparecer ao bar ao menos uma vez ao dia para fumar, beber ou socializar. São diversos bares espalhados pela embarcação, com temas e serviços diferentes, mas com uma característica comum: é onde dois ou mais tripulantes podem encerrar seu dia de trabalho e relaxar com os colegas, esperando ouvir histórias da vida ao mar dos outros e compartilhar as suas próprias experiências.

Não raro boa parte do salário dos tripulantes fica dentro do navio mesmo. São festas temáticas quase diárias com oferta de *drinks* exclusivos e atraentes a um preço muito mais convidativo do que o oferecido aos passageiros e sem exigência de postura ou uniforme. Todo tripulante tem acesso a um cardápio de preços especiais, além dos descontos eventuais que são oferecidos em situações atípicas. E com todos esses estímulos ao convívio nos bares, estes ambientes não se esvaziam em momento algum ao longo do dia. Por toda a noite, durante todo o dia, ao menos dois tripulantes vão estar presente.

A todas as nacionalidades é permitido celebrar os feriados nacionais e dias religiosos nos bares e estas festas são, em geral, um convite a um mergulho na cultura de outro país. Festas de independência, do santo padroeiro, do dia de descobrimento, feriados nacionais, festas de dias internacionais. Para todo dia um tema, uma decoração, dança típica, *drinks* especiais e música de acordo. É nos bares que muitos grupos vão ter a oportunidade de mostrar um pouco de sua cultura aos colegas de profissão, e mesmo os que não bebem, por qualquer razão que seja, vão estar presentes nas comemorações.

Alguns grupos que seguem religião menos permissiva (note-se: permissivo não é usado aqui como um termo pejorativo) não vão comparecer aos bares para festas, mas ainda assim, vão

estar presentes durante o dia para fumar, jogar cartas ou simplesmente conversar com os lhes é permitido o contato.

3.6 Teatro

A entrada de tripulantes no Teatro é limitada a *Staff* e *Officers*. Todas as noites do cruzeiro o palco encena um espetáculo diferente e a presença de passageiros os obriga a uma vestimenta mais social, o que não é muito popular nos momentos de folga. Eventualmente o Teatro é vedado ao acesso para passageiros para que os tripulantes em sua totalidade possam encantar-se com um dos shows oferecidos a bordo.

Como toda área de serviço do navio, o teatro tem dois acessos, um para tripulantes e passageiros e outro exclusivo aos tripulantes. Pela entrada de tripulantes, que liga as dependências da tripulação à área habitada do navio, *crew*, *Staff* e *Officers* podem adentrar o teatro em trajes informais, portando comida e bebida. Estes itens não são autorizados em dia de espetáculo regular, mas regras outras se aplicam ao dia de *crew* no Teatro. Mais do que assistir ao show, os tripulantes podem tirar fotos no camarim, portar parte da indumentária dos artistas e ganhar brindes (entre televisões e bicicletas) que são oferecidos na sessão de Bingo que antecede o espetáculo.

Oferecendo acesso irrestrito a um lugar de tamanha pompa, é nesses dias que o Teatro encontra sua maior lotação. São *shows* mais demorados e que aproximam mais o público dos artistas, já que para estes, é também um momento de descontração e envolvimento com os companheiros de embarcação. Não raro um ou outro tripulante é chamado a subir ao palco e participar de uma performance.

3.7 On-shore

É provável que seja nos portos que podemos verificar como as relações que se desenvolvem a bordo não se limitam aos ambientes de trabalho e momentos de recreação. Os grupos que se formam para expedições e idas despreziosas a bares e restaurantes locais são ricos em gênero, credo e cor.

Não seria necessário para os Philipinos se reunirem com Indianos e Paquistaneses para degustar um almoço em um restaurante Tailandês na Austrália. É um fato que os frutos do mar são item comum à dieta dos três grupos e, em geral, mantêm sua vida social sem a presença das mulheres -e muitos desses indivíduos poderiam fazer a opção por ter suas esposas e companheiras de bordo nas saídas em porto- mas um laço se forma entre os companheiros de trabalho que não pode ser facilmente compreendido. Vindo de qualquer lugar, crendo em qualquer entidade, aquele indivíduo com que você dorme e trabalha por mais de um semestre tem, para você um valor maior do que o de simples companheiro de trabalho. Para muitos de nós, as pessoas que vão se aproximando e com que vamos nos relacionando ao longo do contrato vão ter valor de amigo e se manterão em contato pessoal ou via *Skype* por toda a vida.

Assim, as pessoas se agrupam de uma forma que pode parecer aleatória à primeira vista, mas na verdade se unem aos afins, às pessoas com que mais se identificam e que lhes são permitidas a companhia. As questões religiosas e culturais (que não se excluem de maneira alguma) são as duas grandes motivadoras de encontro e reunião. Desta forma, a religião, os hábitos alimentares, as práticas sociais dos grupos e os valores de gênero são os grandes motivadores das dinâmicas destes grupos.

Da mesma forma, grupos de outras nacionalidades se formam a caminho da praia, outros em direção ao shopping. Não há quem desconsidere suas crenças ao desembarcar, ao contrário, certos grupos jamais serão vistos na praia e outros nunca farão visita ao zoológico, mas grupos não homogêneos se dividem rumo as mais diversas atividades, preservando o que há de mais rico na vida a bordo: o convívio com o diferente.

3.8 Áreas de trânsito comum a tripulantes e passageiros

Por duas vezes durante o dia, as pessoas de religião Islâmica são liberadas de suas funções e se prostram ao chão para rezar. Não fazem isso em suas cabines, já que o momento da reza é também o momento da comunhão, mas o fazem pelos corredores, ao longo das salas de leitura e nos grandes salões dos restaurantes que ainda estão vazios.

Convivência harmônica pressupõe a liberdade de se expressar e agir, e nessas horas o navio mergulha em um respeitoso silêncio. Ninguém deixa de comer, ou conversar, ou dormir, ou

se exercitar em uma das muitas salas de ginástica, mas pelos corredores, o silêncio impera. Sem regras escritas nas paredes, sem acordos de respeito e preservação mútuos assinados por chefes de Estado. Somente homens e mulheres que, juntos, compartilham o ambiente de trabalho e descanso.

Assim o é em toda a área de circulação comum para tripulantes, que difere das áreas de trânsito compartilhadas com passageiros pela necessidade de postura apropriada ao ambiente de trabalho e vestimenta de acordo. Por cada corredor os tripulantes transitam dia e noite –o navio não para suas funções durante a noite- mantendo-se focados em suas funções e cumprimentando os outros quando é possível e/ou permitido. Para que esta convivência se dê de maneira harmônica, é preciso que os dois lados envolvidos compreendam ou ao menos respeitem um ao outro. Sem este reconhecimento, é possível que haja um encontro do qual ao menos uma das partes vai se sentir lesada e desrespeitada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma análise preliminar da pesquisa feita com tripulantes que dedicaram ou ainda dedicam parte importante das suas vidas ao prazer e conforto do outro, ademais de estarem submetidos a condições muito peculiares de vida, com inúmeras restrições e um convívio imposto com o desconhecido, considero de alta relevância para ações assertivas na área de cultura, que gestores e produtores imerjam no convívio com as realidades diferentes das suas próprias, para que desse encontro possa emergir uma riqueza com características e proporções tais que dificilmente se poderia obter em um projeto desenvolvido por agente externo que se mantivesse isolado.

Os homens e mulheres sobre os quais pesquisei vivem a prática do exercício constante de aceitar as diferenças simplesmente por serem diferentes e por serem potencialmente agregadoras de valor. Tal exercício é absolutamente necessário para as pessoas que almejam lidar com cultura. Considero igualmente importante que seja parte desse exercício deixar de lado qualquer julgamento de valor que incida sobre os processos culturais distintos dos nossos próprios. Aceitar o outro é recebê-lo enquanto elemento externo a nós mesmos, sabendo-o dotado de contextos, experiências e valores próprios que não nos cabe julgar. A cada encontro é possível que cresça a aproximação e a empatia até que as partes se toquem de forma efetiva e irreversível gerando elementos originais que representam a soma das suas contribuições individuais; e, num caminho reverso, também o novo produzido deverá propiciar o enriquecimento das partes, ainda que elas mantenham aquilo que as caracteriza.

Ao optar por trabalhar com gestão de cultura em ambientes praticados por mais de uma identidade cultural, todos devemos ter em mente quão limitados poderão ser nossos passos profissionais caso não consideremos as realidades distintas das nossas em toda sua grandiosidade potencial. Mais do que identificar as diferenças, devemos aprender a nos deixar envolver por estas para que não haja barreiras éticas ou estéticas limitando esse encontro. Como tentou-se demonstrar ao longo dessa monografia, acredito na potencialidade dos encontros multiculturais, como acredito no potencial transformador da nossa própria realidade pelos outros com os quais nos encontramos.

O produto da rede multicultural global deve ser avaliado por cada indivíduo dentro de seus próprios valores, mas respeitando a todo tempo os valores dos outros pontos a que está conectado. E assim seguiremos, *ad infinitum*, nos conectando uns aos outros e produzindo coletivamente bens e saberes que reflitam a riqueza dos valores desse universo de possibilidades no qual estamos inseridos. Não foi possível estabelecer soluções, fórmulas ou os procedimentos que devam ser seguidos, mas muitas perguntas surgiram a partir dos caminhos que foram sendo percorridos; e embora não haja respostas há uma busca que deverá prosseguir.

Quando Cristina Serra e Nelson Pretto²³ discorrem sobre a produção coletiva de conhecimento na internet tomando como base a análise das bibliotecas virtuais, chamam atenção para o fato das mesmas não serem um mero depósito de conhecimento e informação para consulta - como os autores defendem ser as homônimas edificadas - mas um lugar de troca. Um lugar onde pessoas buscam informação, mas também oferecem seus próprios conhecimentos em uma troca sem fim com um potencial de crescimento infinito e auto-multiplicador. É exatamente desta maneira, em uma similar “hipermídia planetária onde não existe gestão centralizada” (SERRA; PRETTO, 1999), que se forma o ambiente a bordo das embarcações do tipo estudado. Nessa rede horizontal, descentralizada e extensa de indivíduos e culturas é formada uma malha de conhecimentos rica em diversidade e coletiva em autoria. Uma rede multicultural unida em torno de um bem de valor reconhecido por todos - o trabalho - que compactua com um contrato social velado, porém, amplamente respeitado.

Por cada autor aqui citado que defende a permeabilidade dos encontros sociais e o valor do produto desses encontros, ressalto a importância do navio, enquanto lugar que pertence a todos nós, marujos, para a construção dessa cultura híbrida cujo reconhecimento é unanime por cada indivíduo a bordo e cuja riqueza de valores e verdades coexistentes é difícil de mensurar. Um ambiente intercultural que gera um grupo conciso em forma e procedimentos, mas que permite que cada indivíduo seja reconhecido tanto por sua identidade individual como por sua identidade enquanto parte do todo.

Foram quase quatro anos observando e vivenciando essa realidade motivadora de grandes questionamentos. De que forma são impostas as regras de convívio para cada ambiente? De que

²³ Cristina Serra e Nelson Pretto produziram juntos um interessante trabalho sobre como as bibliotecas virtuais não são um depósito de material redigido, como as homônimas físicas, mas são um espaço de troca de informação e atendem com perfeição às necessidades do mundo contemporâneo onde a importância do ocorrido hoje perdeu lugar para a emergência do agora e as horas perderam lugar para a precisa contagem dos segundos.

forma a Companhia pode ser responsável pela criação deste cidadão novo? Não houve regra escrita, mas a padronização dos comportamentos remete a uma construção verdadeira e estabelecida pelas partes desse coletivo auto-gestor. Cada indivíduo contribui com o seu conhecimento e as suas crenças para a construção desse ambiente de aceitação. São dezenas de culturas dissemelhantes e milhares de sujeitos diferentes individualmente, mas um lugar único, onde um único comportamento é seguido conscientemente por todos.

Essa criação de ambiência que propicia a troca e a auto-gestão é, no entanto, distinta de parte dos projetos desenvolvidos por mim mesma e pelos meus colegas de graduação ao longo desses anos. O olhar que nós, enquanto proponentes, deitamos sobre o nosso objeto de trabalho muitas vezes pareceu tender ao distanciamento e ao não pertencimento, embora nenhum de nós desejasse de verdade se afastar. Ao contrário, buscávamos nos aproximar e participar intimamente das realidades nas quais estávamos nos inserindo com o objetivo de aproveitar ao máximo as potencialidades desse encontro.

Não faz sentido, dentro dessa proposta, que um aficionado por cinema que frequente ao longo dos anos as salas de uma grande rede internacional de cinemas, se forme produtor cultural estudando todo tipo de referência do universo das telas gigantes e saia da faculdade sem ter passado por experiências em salas não convencionais, em ambientes fora da sua zona de conforto. O mundo do cinema não está mais limitado às quatro paredes de uma sala de teatro, e é nosso dever saber disso. E vai além, é nosso dever gerar mais e mais formas de levar o cinema até o indivíduo mais isolado, “cinematograficamente” falando.

Também não foi possível estabelecer de que forma nós, produtores, podemos atuar - a exemplo das companhias de navegação - e criar uma atmosfera tal em que a produção coletiva de patrimônio cultural aconteça de maneira horizontal, coletiva e espontânea; mas ficou muito clara a necessidade da aproximação dos proponentes com seu objeto de trabalho. É para que esta aproximação aconteça de fato, e para que o nosso encontro com grupos semelhantes ou absolutamente distintos seja um encontro relevante e produtivo, que devemos interagir exaustivamente nesses ambientes ricos em diversidade. Devemos participar da construção do lugar a partir de cada espaço para que não olhemos de fora, de algum lugar distante; mas ao contrário: que olhemos lado a lado com nosso grupo de trabalho pela implementação de ações positivas e agregadoras. Devemos, assim, ser parte dos projetos.

Estes projetos devem englobar o diferente e promover o crescimento de cada um dos pontos desta grande rede de conhecimento e produção, de modo que cada integrante saia pessoal e culturalmente enriquecido dessa experiência. Esses encontros devem ser capazes de fazer com que o sujeito se encontre com a sua própria subjetividade, a fim de ser capaz de submetê-la ao grupo de que faz parte e que o representa.

Embora alguns autores advoguem aspectos financeiros como sendo os essenciais para estabelecer as bases da cidadania para todos e para que ocorra a tão esperada democracia cultural (BARBALHO, 2012), o exemplo aqui utilizado deixa evidente a possibilidade da efetiva democracia cultural independêr da receita individual. A real e irrestrita democracia cultural, enquanto prática, reside na não necessidade de se comprovar renda para haver o total comprometimento do indivíduo com a sua sociedade e para que seja garantida a sua participação.

Quando se fala em acessibilidade pode-se estabelecer uma maior interdependência entre a democracia cultural e receita porque considera-se, então, fatores como renda, lucro e custo de vida. Nesse caso há que se ponderar muitas questões e corremos o risco de cair sobre a relação de clientelismo observada por Bourdieu em seus estudos. Historicamente, penso que sejamos propensos a essa prática, o que não nos impede de gerar outro padrão de comportamento. Existe sim alguma dependência do aparelho político-econômico-administrativo do Estado enquanto for este o proponente das principais políticas públicas para a cultura, mas existe a possibilidade da construção de uma sociedade na qual a participação popular é política e democrática e a população é a única responsável por produzir leis, normas, regras e instituições que dirijam sua vida sociopolítica (CHAUÍ, 2006). Seremos, então, cidadãos plenos em direitos e deveres.

Informação acessível, fruição cultural, direito à participação e à produção, são produtos da gestão cidadã e democrática (CHAUÍ, 1993) que esperamos encontrar em cada projeto; da mesma forma, as políticas de gestão são reflexo dos gestores que as propõem; daí a importância da formação de produtores culturais que sejam capazes de ultrapassar o limite das diferenças e criar novos acessos. Ou simplesmente acabar com as barreiras, de modo que não existam limites e que o produto da vivência intercultural seja o resultado da soma das partes.

A meu ver, baseado em cada um dos conceitos aqui apresentados, é do convívio intenso e extenso com culturas dissemelhantes que pode surgir a real democracia cultural; e dessa malha intercultural surgirem identidades multiculturais enriquecidas e enriquecedoras das demais com

as quais interage. Ainda que os grupos mais tradicionais tenham a necessidade de perpetuar as suas tradições, todos devemos ser capazes de tocar e de sermos tocados pelo diferente.

A propósito desse tópico, a salvaguarda dos bens culturais de grupos mais tradicionais pode ser efetivada de formas variadas, não sendo necessário o isolamento dos mesmos ou uma defesa acirrada da sua impermeabilidade. O avanço tecnológico pode ser incompatível com a manutenção do tradicional em alguns casos, mas isso não precisa, necessariamente, significar algo negativo. Cada grupo, assim como as partes de que se compõe, deverá ponderar sobre em que medida pode se recolocar no universo interconectado do mundo contemporâneo. O convívio não significa perda da identidade ou da autenticidade; da mesma forma o isolamento não significa, necessariamente, resguardo de saberes e tradições.

Existe a possibilidade - e sempre existirá - de que as identidades nacionais se percam em meio às identidades pós-modernas; mas o distanciamento e não reconhecimento do outro não podem ser considerados solução para a questão. Devemos apreciar o valor de um encontro e engrandecer seus produtos de forma a prezar por um futuro com mais construção, menos desencontros. Outras possibilidades hão de surgir de forma que os indivíduos possam seguir explorando a biblioteca cultural global que vem se construindo a partir de títulos oriundos de cada canto do globo; isso, sem que se perca o valor do tradicional em alguma prateleira empoeirada.

Glossário e vocabulário estrangeiro:

-Espaço confinado: espaço não projetado para ocupação humana contínua. Tem acesso de entrada e saída limitados e ventilação comprometida, sendo insuficiente para prover oxigênio e permitir a saída de contaminantes.

-Patente: dentro da categoria militar, representa a graduação ou posto do indivíduo.

-Deck: termo de uso amplo na indústria e nas forças armadas, significa pavimento tipo, ou poderia ser ainda substituído pela palavra andar.

-Crew: do Inglês, significa grupo de pessoas que trabalha em uma atividade comum, em geral sob o comando de um único indivíduo e sob uma hierarquia. Poderia ser traduzido por time ou equipe.

-Staff: do Inglês, significa pessoa empregada em uma organização. Poderia ser traduzido por funcionário.

-On-shore: do Inglês, seu significado é contrário ao do termo *offshore*, ou seja distante da costa, em território marinho. Este termo é utilizado pelo pessoal envolvido em fainas marítimas para definir o território costeiro, a terra firme.

-US\$: símbolo financeiro representativo da moeda circulante nos Estados Unidos da América, o dólar americano.

-Souvenir: do francês, significa item de valor simbólico, recordação em aparato físico de um evento ou localidade.

-Software: do Inglês, significa informação codificada para computador. São os programas e instruções que, lidos pelo *hardware*, nos possibilita comandar as ações do computador. Contrasta o termo *Hardware*, que se refere ao maquinário físico do computador.

-Skype: software que possibilita comunicação por voz, texto ou vídeo via internet. Amplamente usado entre pessoas apartadas pela distância por ser gratuitamente obtido via internet.

-Anteparas: aparato que protege e limita, no vocabulário marítimo divide os espaços e poderia ser traduzido por parede.

-Área habitada: em contra-partida às áreas não habitadas, onde somente há maquinário, estas áreas foram projetadas para serem ocupadas por seres humanos, contam com circulação de ar natural ou artificial, luz e controle rígido de ruídos.

-Curry: termo originado das culturas orientais para referir-se a uma variedade de pratos preparados com uma mistura de ervas e temperos, dentre os quais está quase que invariavelmente, a pimenta. Para alguns grupos mais tradicionalistas, a mistura tem ingredientes específicos, em quantidade pré-determinada e deve ser adicionada ao prato no momento certo.

-Drill: exercício semanal de segurança que pode ser pre-agendado ou surpresa. Faina que envolve todos os tripulantes a bordo, à exceção dos que estão em serviço e devem continuar a exercer as suas funções normalmente. Até que seja encerrado o drill, ninguém é autorizado a deixar a embarcação e todos os passageiros devem participar do exercício proposto através da simulação de uma situação de emergência.

Anexos

Anexo I – Modelo do questionário apresentado aos tripulantes

Tradução do Anexo I

Anexo II – Fotos de ambientes a bordo

Referências bibliográficas

- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares, introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Papyrus, 2007.
- BARBALHO, Alexandre. **Política cultural e orçamento participativo: ou as possibilidades da democracia cultural na cidade contemporânea**. Políticas Culturais em Revista, 1 (5), p 156-169, 2012.
- BENEDICTT, Ruth. **Patterns of Culture**. New York, Houghton Mifflin, 1934.
- BOURDIEU, Pierre. **O amor pela arte, Os museus de arte na Europa e seu público**. São Paulo, EDUSP, Porto Alegre, Zouk 2007.
- BRANT, Leonardo. **Uma abordagem multidimensional para a atividade cultural**. Observatório Itaú Cultural, número VI – 2008.
- CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural - O direito à Cultura**. Editora Fundação Perseu. São Paulo. Abramo, 2006.
- COELHO, José Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo. Editora Iluminuras, 1997.
- CRUZ, Sidnei. **Palco giratório: uma difusão caleidoscópica das artes cênicas**. Fortaleza. Dantes, 2009.
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **O Turismo dos Deslocamentos Virtuais**. In: Eduardo Yasigi. (Org.). Geografia do Turismo. 1ª ed. São Paulo: Papyrus, 1996, v. 1, p. 15-24.
- FIGUEIREDO, Juliana Turano. **A organização em rede dos festivais independentes de música: um estudo de caso da ABRAFIN**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2011. P. 10-21.
- HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação e Realidade. v. 22, n. 2. jul./dez. 1997.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LACERDA, Alice Pires. **Democratização da Cultura X Democracia Cultural: os Pontos de Cultura enquanto política cultural de formação de público.** Políticas Culturais em Revista, 1 (5), p. 156-169, 2012.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Forense Universitária, 2006.

MEAD, George Herbert. **Mind, Self and Society.** Chicago, University of Chicago Press, 1934.

ORTIZ Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional.** Brasiliense, 1985.

RODRIGUES, Luiz Augusto. **Formação e profissionalização do setor cultural – caminhos para a institucionalidade da área cultural.** Pragmatizes, Ano 2, Número 3, 2012.

RODRIGUES, Luiz Augusto. **Gestão Cultural e seus eixos temáticos.** Texto apresentado ao Seminário Permanente de Políticas Públicas de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, em 25 de agosto de 2008, em Nova Iguaçu.

SERRA, Cristiana; PRETTO, Nelson (De Luca). **Bibliotecas digitais e Internet: em busca da produção coletiva de conhecimento,** Artigo publicado na Revista Análise & Dados, Salvador/Bahia: SEI v. agosto 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença, a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ. Vozes, 2007.

TAYLOR, Charles. **Multiculturalism - Examining the politics of recognition.** Princeton University, 1994.

Bibliografia complementar sugerida:

SOARES, Ana Paula Macedo. **125 Dicas Ideias para a Ação Municipal,** BNDES, 2000.

BAUDELAIRE, Charles. **Les Fleurs du Mal,** Libraires-Éditeuas, 1867.

BORGES, Jorge Luís. **O Aleph.** Trad. Flávio José Cardoso. 11. ed. São Paulo: Globo, 1997.

DIAS, Caio Gonçalves. **Solos culturais**, Observatório das favelas, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Uma opção radical e moderna: democracia cultural**. Polis, São Paulo, 1993.

FOUCAULT, Michael. **Des Espace Autres - Architecture, Mouvement, Continuité**, 1984.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. SP; Martins Fontes, 2000.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo - para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Aleph, 2009.

MARTINS em **Democratização cultural. Um desafio a ser enfrentado**. Blog acesso. São Paulo. Disponível em: <http://www.blogacesso.com.br/?p=63>. Acesso em: 20 de junho de 2009.

ZIMERMAN David, OSÓRIO, Luiz Carlos. **Como trabalhamos com grupos**. Artes Médicas, 1997.

Referência bibliográfica digital:

Dicionário Informal – www.dicionarioinformal.com.br

Políticas Culturais em Revista – www.politicasculturaisemrevista.ufba.br

Wikipédia – www.wikipedia.com

Vídeo de referência:

'Diário de um Transatlântico' foi produzido pela Briteside Television para a National Geographic Channels International e está disponível em <http://www.nationalgeographic.com/>

Open questionnaire: Research on the population working on board cruise ships (crew)

Name: Country of origin: Country of residence:

Date of birth: dd/mm/yyyy Working on board since: dd/mm/yyyy

Company you work for: Position:

e-mail:

To answer the questions 1 to 6, evaluate using 1(poor) to 5(excellent).

- 1-How do you see the relationship between crew members from the same country? ()
- 2-How do you see the relationship between crew members from different countries? ()
- 3-Do you see the difference in home countries as a difficulty to make friends on board? ()
- 4-Is there a segregation in between crew members from different countries in the crewbar? ()
- 5-Is there a segregation in between crew members from different countries on the ports? ()
- 6-Is there a segregation in between crew members from different countries at work? ()

Answer YES or NO in the questions 7 to 11:

- 7-Do you consider one of your "*paisanos*" your best friend on board? ()
- 8-Do you have good friends on board that are not from you home country? ()
- 9-Have you ever dated a crew member from your country? ()
- 10-Have you ever dated a crew member from another country? ()

"*The Law of the Seas*" is not written anywhere, but it is supposed to exist. It establishes that everyone that lives from the sea and at sea should help each other no matter what.

- 11-Did you ever hear about this law? ()

To answer the questions 12 to 14, evaluate using 1(very little) to 5(a lot).

- 12-Do you think this law works on board the cruise ships? ()
- 13-Do you follow this law yourself? ()
- 14-Do you think the relationship in between crew members is improved by this law at all? ()

Do you understand that your data is confidential but will be used, regarding your name, in the elaboration of a university written work? ()Yes ()No

Please send back using your own e-mail account.

Thank you very much for your cooperation. I hope this research can tell a lot about us and can help me to understand our relations while working on board.

Comments:

Tradução do Anexo I

Questionário aberto. Pesquisa sobre a tripulação a bordo de navios de passageiros.

Nome/ País de origem/ País de residência

Nascimento/ Data do primeiro embarque

Companhia pra que trabalha/ Posição/ e-mail

Para responder as questões de 1 a 6, sendo 5 excelente e 1 ruim

- 1 Como você avalia a relação entre tripulantes da mesma nação de origem?
- 2 Como você avalia a relação entre tripulantes de nações de origem diferentes?
- 3 Você vê a diferença entre nações de origem como uma dificuldade para fazer amigos a bordo?
- 4 Existe segregação entre tripulantes de origens diferentes no bar de tripulantes?
- 5 Existe segregação entre tripulantes de origens diferentes nos portos?
- 6 Existe segregação entre tripulantes de origens diferentes no trabalho?

Responda SIM ou NÃO nas questões de 7 a 11

- 7 Você considera seus paisanos ses melhores amigos a bordo?
- 8 Você tem bons amigos a bordo que não são de sua nação de origem?
- 9 Você já saiu em um encontro romântico com alguém de sua nação de origem?
- 10 Você já saiu em um encontro romântico com alguém que não é de sua nação de origem?

A *Lei dos Mares* não está escrita em lugar algum, mas supostamente existe. A Lei estabelece que todos que vivem do mar e no mar devem sempre se ajudar, independente da situação

- 11 Você conhecia esta Lei?

Para responder as questões de 12 a 14, use 1 para pouco e 5 para muito.

- 12 Você acha que esta Lei funciona a bordo?
- 13 Você segue a Lei?
- 14 Você acha que essa Lei influencia na relação entre tripulantes?

Você entende que as informações aqui contidas são confidenciais e serão utilizadas em um trabalho escrito para uma Universidade?

Por favor envie de volta de sua própria conta de e-mail

Obrigada pela sua cooperação. Espero que a pesquisa possa dizer muito de quem somos e de nossas relações a bordo.

Comentários

Anexo II



Alguns tripulantes iniciando o “deep cleaning” que ocorre ao final de cada cruzeiro. Cada equipamento deve ser desmontado e sanitizado. É o momento mais cansativo e todos devem trabalhar juntos para otimizar as tarefas.



Durante o cruzeiro, alguns dos passageiros se aproximam a ponto de considerar os tripulantes “companhias” de viagem. Ao final da viagem presenteiam com gorjetas, artigos comprados à bordo e alguns seguem próximos através das redes sociais.



Uma das noites em que o teatro foi fechado para os passageiros. A apresentação, em princípio, é a mesma, mas a interação com os tripulantes gera um novo espetáculo.



Tripulantes em rodízio de pratos típicos na Turquia.



Tripulantes e passageiros saem pelas ruas de Buenos Aires, na Argentina, durante o “Pub Crawl”- prática mundialmente difundida que envolve caminhadas guiadas de grupos por rotas de bares. Em um dos bares visitados, a barista apresenta um drink local onde pimentas são curtidas em vodca para servirem de base para coquetéis.



Tripulantes e passageiros em um ônibus público em Montevideo, no Uruguai.



Rodízio de vinhos e tapas na Espanha. As tapas, tradicionalmente, eram torradas condimentadas usadas para cobrir os copos, de modo que os insetos não pudessem cair nas bebidas.



Tripulantes após o expediente em noite de jogos de cartas em cabine dupla.



Passageiros e tripulantes se divertem em clube na Ilha Bela, São Paulo.



Em Dubrovnik, na Croácia, sorvete artesanal e a fonte onde mendigos e artistas de rua passam o dia em busca de renda.



Para o natal de 2009, frios foram sendo levados do buffet em guardanapos e estocados pelos tripulantes nas geladeiras de suas cabines para uma ceia após o plantão.



Oficiais em um dos bares de tripulantes.



Com o restaurante mirante fechado para o acesso dos passageiros, oficiais servem os tripulantes. O médico sênior a bordo serve um refrigerante e recebe um dólar de gorjeta como parte da brincadeira.



Na virada de ano de 2010, as festas a bordo encerraram as 6 da manhã quando, então, os tripulantes puderam se encontrar para tirar a foto acima, ceiar e, em seguida, colocar o uniforme de dia para começar a trabalhar novamente.



Tripulantes aguardam a abertura das “water tight door” para sair do navio.



Três vistas de uma cabine para dois tripulantes. São 4 X 3 metros e, sem muita opção para secar as toalhas de banho, cabides presos à porta do armário servem de secadora, aproveitando a saída do ar-condicionado logo acima.



Durante a caminhada pelo território sagrado que já pertenceu a Grécia e hoje integra a Turquia, o antigo banheiro comunitário e a placa onde estão escritas, até hoje, as regras de utilização do ambiente.



Ainda durante a caminhada em Kussadassi, a dramatização de um julgamento durante o período em que a região ainda era habitada; uma das muitas lojas que vendem o material “genuinamente falso” que movimenta o comércio local e a fachada da antiga biblioteca onde também eram feitas e votadas as leis.



De um mercado popular no Uruguai, a costela assada em uma das bancas onde cortes de carne bovina ficam expostos assando em chama aberta.



Na festa de independência da Jamaica, celebro com uma colega romeno e outro de Trinidad-Tobago.



Em La Rochelle, faço compras depois de lanchar em uma confeitaria com uma família de passageiros.



Em Ville France, em uma das regiões mais bucólicas da França, almoço em um restaurante tailandês com um mexicano e um americano.



Tripulantes na praia Il Poeto, na Itália.



Tripulantes e passageiros em uma caravana até a Torre di Pisa em Livorno, na Itália.



O terceiro melhor bartender em competições no mundo, em suas horas vagas, prepara drinks em um bar de tripulantes.



Tripulantes relaxando entre um turno e outro pelos corredores do navio.



Reunião das equipes de bar para elaboração de técnicas de venda.



Tripulantes em cabine dupla.



Entre passageiros e tripulantes, nossa chegada de balsa em Santorini, na Grécia.



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: CAROLINA LEITAO CHILINQUE	Matrícula: 012033080
Título do Trabalho: A EXPERIENCIA MULTICULTURAL E A PRODUÇÃO COLETIVA DE IDENTIDADE- MAPEAMENTO E ANALISE DA POPULAÇÃO DE TRIPULANTES A BORDO DE NAVIOS DO TIPO TRANSATLANTICO	
Orientador: Dr. Ronaldo Lobão	
Categoria: Monográfica	Data da Apresentação: 10.04.2014

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente) Dr. Ronaldo Lobão
2º Membro: Me. Flavia Lages
3º Membro: Bacharel Ohana Boy Oliveira

AVALIAÇÃO:		
Análise / Comentário <p>A BANCA APRESENTOU CORREÇÕES DE FORMATAÇÃO PARA DEPÓSITO DE MONOGRAFIA. O LOGO DE O TEMA É O ENVOLVIMENTO DO ASSUNTO</p>		
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora): 9.7		
ASSINATURAS		
 1º Membro (Presidente)	 2º Membro	 3º Membro

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Artes e Comunicação Social - IACS
Graduação em Produção Cultural

A experiência multicultural e a produção coletiva de identidade
- Mapeamento e análise da população de tripulantes
a bordo de navios do tipo transatlântico.

Carolina Leitão Chিলинque

NITERÓI
2014